



Alessandra Oliveira Teles

Feira de Santana e a Região Metropolitana

CONTRIBUIÇÕES DO
COMÉRCIO DE RUA



2020

Alessandra Oliveira Teles

**FEIRA DE SANTANA E A REGIÃO
METROPOLITANA
CONTRIBUIÇÕES DO COMÉRCIO DE RUA**



Pantanal Editora

2020

Copyright© Pantanal Editora
Copyright do Texto© 2020 Os Autores
Copyright da Edição© 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora
Edição de Arte: A editora. Capa: canva.com
Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Me. Ernane Rosa Martins – IFG
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez – ITSON (México)
- Profa. Msc. Lidiane Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Dra. Patrícia Maurer
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI

- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T269f	<p>Teles, Alessandra Oliveira. Feira de Santana e a Região Metropolitana [recurso eletrônico] : contribuições do comércio de rua / Alessandra Oliveira Teles. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020. 87p.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-88319-15-4 DOI https://doi.org/10.46420/9786588319154</p> <p>1. Vendedores de rua – Feira de Santana (BA). 2. Feira de Santana – Região metropolitana. 3. Consumo. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 380.1098142</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos livros e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es). O download da obra é permitido e o compartilhamento desde que sejam citadas as referências dos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

Este e-book é resultado da pesquisa realizada para a tese de doutorado da autora intitulada O Comércio Informal em Feira de Santana (BA) – Permanências e Mudanças, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. Ao realizar este estudo procuramos apresentar Feira de Santana, sua região e as atividades econômicas que fizeram desse município uma relevante capital regional e cidade núcleo de sua região metropolitana.

Um dos objetivos dessa obra é promover uma perspectiva de leitura, investigação, teorização ímpar ao tratar o município, sobretudo a cidade de Feira de Santana sob a perspectiva de suas atividades econômicas e os rebatimentos no fortalecimento regional dentro do Estado da Bahia. Sua construção se deu baseada tanto numa perspectiva geográfica como histórica considerando seu processo lógico-histórico de constituição do objeto.

O leitor irá se deparar com uma visão geral do município e de sua microrregião geográfica, em seguida são apresentadas sua população e região metropolitana seguida de uma análise do trabalho informal e seus trabalhadores, destacando a atuação de camelôs e ambulantes na consolidação da atividade comercial. Este é um trabalho que pode ser utilizado por pessoas de qualquer área de conhecimento ou mesmo fora do universo acadêmico diante da facilidade com que o tema é abordado.

Essa obra mostra-se como um relevante aporte teórico e empírico, demonstrando que a temática não esgota os diversos olhares e possibilidades de estudo; reconhecendo a importância da feira livre, bem como a relevância de compreender a organização e o trabalho de camelôs e ambulantes que avançam para além da feira livre comercializando produtos e serviços variados tanto no centro da cidade quanto nos bairros e distritos; considera também seu percurso histórico e suas transformações materiais e espaciais considerando os locais ocupados na cidade ao longo dos anos.

A dinâmica da área central da cidade de Feira de Santana, marcada pela presença de um comércio pujante, guarda estreitas relações com o processo de expansão urbana e consolidação dessa parte da cidade, bem como oferece subsídios para o surgimento de outras centralidades.

O comércio é a atividade de maior relevância na dinâmica de Feira de Santana. Responsável por sua implantação e consolidação, reflete, através de seus agentes, as permanências e mudanças que vem atravessando ao longo das décadas. As relações de troca consolidam tal atividade e, associada à localização estratégica da cidade, promoveram o adensamento populacional de modo que o comércio informal se implantasse e se mantivesse. Mesmo com o projeto modernizador associado à abertura de rodovias e ao estabelecimento de um importante centro industrial, é no comércio onde se encontra a força da economia de Feira de Santana.

A partir da pesquisa e análise são discutidas as questões fundamentais de uma realidade notadamente marcada por transformações que atingem intensamente aqueles que cotidianamente

tentam retirar seu sustento das ruas. O objetivo final é oferecer ao leitor uma referência atualizada sobre a temática e permitir que este e-book tenham uma utilidade ampla e destacada.

A estrutura do livro, mesmo apresentando uma introdução e sumário, merece nossa atenção. Feira de Santana e sua Região mostra sua evolução histórica e organização regional; na Evolução do município e da cidade são tratados os precursos que fizeram de uma fazenda tornar-se uma feira livre e dessa o maior entreposto comercial do norte-nordeste. Evolução da população de Feira de Santana e sua microrregião geográfica, explica como, ao longo das décadas, sua população cresceu e os principais elementos que contribuíram para esse fenômeno, inclusive o migratório. Na Análise dos elementos econômicos de Feira de Santana e sua microrregião a busca está em explicar os principais setores que consolidam o município como relevante capital regional e polarizadora de sua microrregião expandindo sua centralidade para além do que é definido enquantom limites regionais. Em Zoneamento dos produtos e formação de territorialidades buscamos revelar o papel, localização, situação, atuação e contribuição dos trabalhadores informais na construção da cidade e como intuitivamente constroem seus espaços e formam territorialidades e laços de identidade com o espaço da rua, lugar de comércio, sobrevivência e lutas.

Uma observação final: esse é um e-book que precisa ser lido e consultado, há de considerar a dimensão espacial escolhida para a análise, uma vez que todos os espaços estudados não esgotam a realização de pesquisas e olhares. Além disso, a discussão realizada abre a perspectiva para outros estudos não abordados nesta obra.

Agora, caberá ao leitor avaliar a contribuição desse livro e-book, mas não tenho dúvidas, a recomendação de sua leitura seja pela temática, pelo aporte teórico-conceitual ou pela relevância social que apresenta para todos aqueles interessados no assunto e para toda a sociedade será acrescentada com a temática aqui proposta. Boa leitura!

Alessandra Oliveira Teles

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
INTRODUÇÃO.....	7
EVOLUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO MUNICÍPIO E DA CIDADE.....	13
REGIÃO METROPOLITANA DE DIREITO E DE FATO	26
FATORES COMPETITIVOS PRESENTES EM FEIRA DE SANTANA.....	37
DETERMINANTES PARA A CENTRALIDADE URBANA, REESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO E POPULARIZAÇÃO DO CONSUMO	45
A Atividade Comercial e sua Influência Regional.....	52
Dinamismo da atividade comercial na área central da cidade	59
A Contribuição do Setor Informal na Consolidação do Setor Comercial.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
ÍNDICE REMISSIVO	86

INTRODUÇÃO

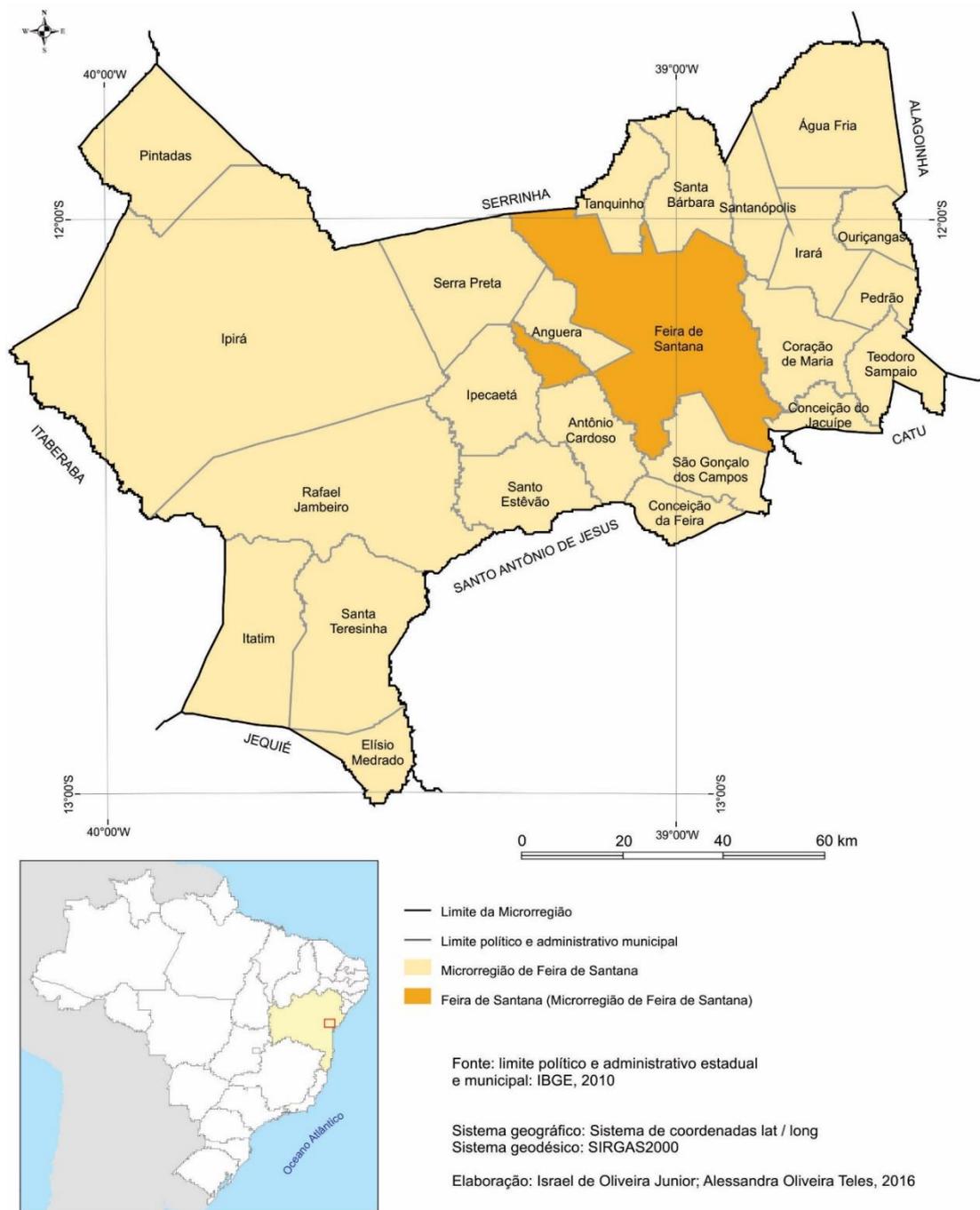
As transformações da sociedade têm tornado relevante o estudo de temas específicos como o comércio. A produção, circulação e consumo se efetivam e materializam no espaço através da atividade comercial. Além disso, a centralidade urbana ratifica a importância do local perante a sua região.

Feira de Santana é um município que tem sua origem numa fazenda, como tantos outros na história da formação territorial brasileira, seu diferencial refere a ter se tornado ponto estratégico no pouso do gado bovino que se deslocava entre o semiárido baiano ou da região centro-oeste para Salvador e demais municípios do Recôncavo.

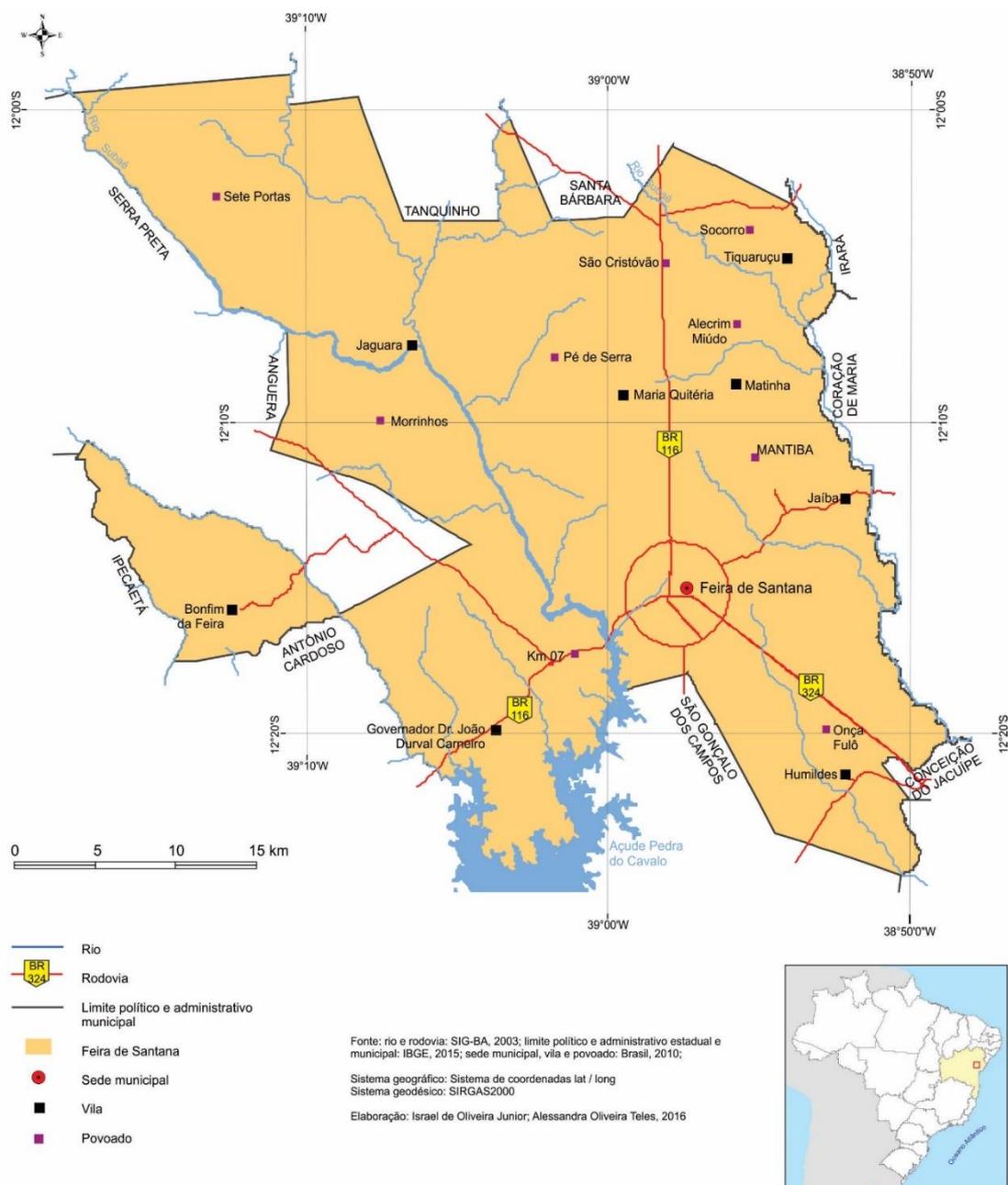
Com uma área de 1.396 km², Feira de Santana é um dos municípios do Estado da Bahia que compõem a mesorregião denominada Centro Norte Baiano. A microrregião geográfica, na qual está inserido, recebe o seu nome por ser o município de maior influência, sendo composta por mais 23 municípios (Mapa 1). No sistema urbano brasileiro, a cidade é considerada uma capital regional A (IBGE, 2008) e dentro do Estado da Bahia só é menor que a capital. A sede do município distancia-se de Salvador, capital do estado, 109 quilômetros, considerando o trajeto rodoviário.

Feira de Santana limita-se ao norte, com os municípios de Tanquinho, Santanópolis e Santa Bárbara; ao leste, com Coração de Maria e Conceição do Jacuípe; ao sul, com Ipecaetá, Antonio Cardoso e São Gonçalo dos Campos e ao oeste, Anguera e Serra Preta (Mapa 2).

O município integra a Região Metropolitana de Feira de Santana (RMFS), instituída a partir de 06 de Julho de 2012, pela Lei Complementar Estadual nº 35/2011, sendo formada por seis municípios: Feira de Santana, Amélia Rodrigues, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, São Gonçalo dos Campos e Tanquinho, abrangendo uma população de 673.637, em 2010 (IBGE, Censo Demográfico). As atividades terciárias – destaque para comércio, saúde e educação – demonstram o caráter polarizador da cidade frente aos serviços públicos federais e estaduais nos demais municípios da Região Metropolitana de Feira de Santana e municípios vizinhos.



Mapa 1. Feira de Santana e microrregião geográfica. Fonte: Teles e Oliveira Jr (2016).



Mapa 2. Localização do Município de Feira de Santana. Fonte: Teles e Oliveira Jr (2016).

O comércio é a atividade de maior relevância na dinâmica de Feira de Santana. Responsável por sua implantação e consolidação, reflete, através de seus agentes, as permanências e mudanças que vem atravessando ao longo das décadas. As relações de troca consolidam tal atividade e, associada à localização estratégica da cidade, promoveram o adensamento populacional de modo que o comércio informal se implantasse e se mantivesse. Mesmo com o projeto modernizador associado à abertura de rodovias e ao estabelecimento de um importante centro industrial, é no comércio onde se encontra a força da economia de Feira de Santana (Cruz, 1999).

O comércio informal, aqui destacado como comércio de rua, a cada dia ganha novos trabalhadores. Está presente por toda a cidade, seja no seu centro comercial ou nos bairros, que vêm adquirindo numerosos estabelecimentos comerciais. Essa dinâmica está tornando o espaço urbano da cidade de Feira de Santana policêntrico no que diz respeito a determinadas atividades.

Com esse atual cenário, o centro comercial que mantém a hegemonia perante os demais ainda é o que se localiza na área central da cidade. Sua organização e relevância são reflexos do poder que possui em atrair um elevado fluxo de pessoas, em especial da sua microrregião. Também precisa ser considerada a capacidade em promover a circulação de capital caracterizando o centro comercial como o local de maior valor para todo tipo de comércio informal, incluindo o comércio de rua.

Pesquisas sobre Feira de Santana vêm sendo desenvolvidas ao longo do tempo, principalmente destacando a posição de Feira de Santana no cenário regional, entretanto, notou-se que estudos sobre o caráter geográfico do comércio informal ainda são escassos, tornando esse trabalho uma contribuição inédita. Este estudo tem ênfase no modo como o comércio informal promove a centralidade intra-urbana em Feira de Santana e configura territorialidades específicas. No contexto, o comércio informal foi pensado numa perspectiva relacionada ao espaço geográfico. Seu dinamismo demonstra os processos inerentes ao intervalo estudado, bem como, estruturas, funções e formas que mesmo diferenciadas constituem uma totalidade.

Escolher trabalhar com o comércio de rua levou em consideração diversos fatores. Como parte do comércio informal, sua presença é significativa nas ruas e avenidas do centro comercial, além de absorver boa parte da mão-de-obra que se torna desempregada a cada modificação das relações de trabalho nas diversas escalas geográficas. Considerou-se, na escolha do recorte, a relevância e prestígio do comércio de rua no centro comercial de Feira de Santana. Neste espaço é visível o fluxo de pessoas, elemento essencial para quem realiza venda direta.

A dinâmica da área central da cidade de Feira de Santana, marcada pela presença de um comércio pujante, guarda estreitas relações com o processo de expansão urbana e consolidação dessa parte da cidade, bem como oferece subsídios para o surgimento de outras centralidades. Esse fenômeno ganha destaque a partir de meados de 1960, quando o projeto de modernização para o Brasil começou a repercutir na cidade. Os agentes políticos e, principalmente, os empresários locais, passaram a repetir o discurso da Comissão de Estudos para a América Latina (CEPAL) associando modernidade à indústria, especialmente com a integração de todo o território nacional proporcionada pelas rodovias federais. Ao longo desse tempo, a feira livre - existente nas principais ruas do centro de Feira de Santana – ocupava tanto a frente das lojas de comércio formal quanto da moradia de grande parte da elite local, até então concentrada nesse espaço.

Com o crescimento da cidade ocorre a mudança da elite para bairros residenciais afastados da área central. Em seguida, a transformação de antigas residências em lojas de redes nacionais vai consolidar e

ratificar o centro da cidade como espaço de comércio e também de serviços. Foram propostos alguns projetos para atender as necessidades de modernização da cidade e resolver a situação do comércio.

Criado o Centro Industrial do Subaé (CIS) em 1970, Feira de Santana passou a fazer parte do projeto de modernização industrial nacional contribuindo para a consolidação da política industrial nacional. Esse fato impactou diretamente no comércio local presente nas vias centrais da cidade. Os lojistas vão se valer dele para exigir a retirada das barracas promovendo uma estética urbana compatível com o processo de modernização que o município estava passando. O poder público acatou a reivindicação e criou um projeto de relocação da feira, também central, porém, fora das principais vias da área central. Em meados da década de 1970, os comerciantes foram transferidos para esse espaço que foi denominado Centro de Abastecimento de Feira de Santana. Desde esse período, a presença de comerciantes informais nas principais vias do centro da cidade é contínua, sempre retirados pela prefeitura. Os embates entre o poder público municipal e esse segmento nunca deixaram de ocorrer.

Com a mudança da feira livre para o Centro de Abastecimento todo o comércio de gêneros alimentícios – atacado e varejo – deveria ocorrer nesse espaço. Porém, com o passar do tempo o que se observou foram duas situações: (a) antigos vendedores voltaram a comercializar em seus antigos pontos, montando pequenas barracas de madeira ou estendendo lonas no chão, com destaque para a Rua Marechal Deodoro e Praça Bernardino Bahia, onde comercializam principalmente frutas e legumes; (b) novos comerciantes, por não encontrarem vaga de trabalho no comércio formal, também realizam essa atividade no modelo descrito dividindo espaço com antigos vendedores e lojistas.

Contudo, o comércio informal, desde meados da década de 1970, continua na área central da cidade, instalando-se nas principais vias do comércio formal, como Avenida Senhor dos Passos, Rua Sales Barbosa e Rua Marechal Deodoro. As discussões entre os comerciantes formais, o poder público e os comerciantes informais são intensas. Os primeiros sentem-se prejudicados pela concorrência dos comerciantes informais em termos de preço de mercadorias, impostos e impedimento da circulação dos consumidores pelas vias e acesso aos estabelecimentos formais.

O poder público, de acordo com a gestão vigente, estabelece propostas para a retirada e garantia de livre circulação nas vias principais; os comerciantes informais, por sua vez, justificam a necessidade de realizar essa atividade por falta de oportunidade no mercado formal, baixa escolaridade para adquirir um emprego formal e ser nessas vias a maior circulação de pessoas, logo, consumidores em potencial.

Também é destaque que o centro da cidade está passando por um processo de popularização; atividades e serviços considerados como sofisticados estão sendo relocados para áreas com padrão de consumo visivelmente elevado – é o destaque para a Avenida Getúlio Vargas – principal via de acesso para os empreendimentos imobiliários de alto padrão e que, nos últimos anos, tenta se aproximar da Oscar Freire, famosa rua da cidade de São Paulo, onde, as principais grifes do mundo podem ser encontradas.

Na Avenida Dr. João Durval Carneiro, onde foi instalado o *Shopping Center Boulevard*, é visível a gradativa reestruturação, com novos serviços e estabelecimentos comerciais no seu entorno.

Diante de tais informações, percebe-se a relevância de estudar, de forma sistematizada e aprofundada, as dinâmicas territoriais da cidade que tem como pilar econômico a atividade comercial. Desse modo, merecem que sejam analisadas de forma mais específica, as relações propostas neste estudo, das permanências e mudanças do comércio informal na cidade de Feira de Santana.

A partir desse argumento elaborou-se a tese dessa pesquisa: A centralidade urbana em Feira de Santana se mantém perante o fortalecimento do circuito inferior da economia representado pelo comércio de rua realizado por ambulantes e camelôs. O objetivo geral busca analisar o comércio informal em Feira de Santana, sua evolução e transformação reafirmando a centralidade associada à dinâmica urbana e popularização do consumo.

EVOLUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO MUNICÍPIO E DA CIDADE

A colonização brasileira ocorreu através do povo português que unia o processo político-econômico de ocupação de terras com as devoções religiosas da igreja católica. Feira de Santana tem sua origem no início do século XVIII, na propriedade denominada Santana dos Olhos d'Água, pertencente a Domingos Barbosa de Araújo. Nesta fazenda foi construída uma capela em devoção a São Domingos e Senhora Santana, com o passar dos anos surgiu no seu entorno uma povoação que proporcionou a formação do município e da cidade.

A construção de casebres e senzalas, paralelo ao pouso de tropas e viajantes que se deslocavam da capital para o interior e vice-versa, foram alguns dos fatores que contribuíram para o estabelecimento de uma feira. Tornando-se parada obrigatória entre aqueles que passavam pela estrada real de Capoeiruçu, provindo do alto sertão da Bahia, de Minas Gerais, Piauí e Goiás – principais criadores de gado bovino – em direção ao porto de Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira, às margens do rio Paraguaçu. Esta cidade apresentava relevante dinâmica urbano-regional na época, pois além de concentrar grandes e variados estabelecimentos pertencentes a importantes comerciantes portugueses era o ponto de uma determinante rede de transporte multimodal entre a capital e o interior do estado e do país.

Essa localização estratégica e geográfica promoveu o início das trocas de mercadorias entre os boiadeiros. Estes deixavam o gado no processo de recuperação da caminhada - e conseqüentemente a perda de peso dos animais -, e pequenos produtores de gêneros alimentícios, em especial, farinha e feijão. Ao passar do tempo novos itens foram se agregando e essa troca foi ganhando em regularidade, volume e variedade, formando a feira livre, o adensamento populacional e a primeira aglomeração que dará origem a Feira de Santana.

A formação histórica de Feira de Santana é constantemente destacada nos documentos existentes através da presença de um comércio pujante. Azevedo (1976) escreve um texto conciso, no qual destaca as características e vantagens da cidade. Mesmo não sendo uma cidade turística ou apresentando outros tipos de função de projeção nacional é passível de “[...] crônicas ilustres, de louvores e memórias [...]” (Azevedo, 1976). Destaca o trabalho de Rollie E. Poppino sobre Feira de Santana, o qual se dedicou a estudar seus aspectos econômicos, políticos, sociais, urbanísticos, históricos e culturais entre 1850 e 1950.

Mas sua atenção se volta mesmo para a publicação, em 1959, do Diário da Viagem ao Norte do Brasil do Imperador Dom Pedro II. Consta em seus relatos a visita à Feira de Santana e demonstra atenção

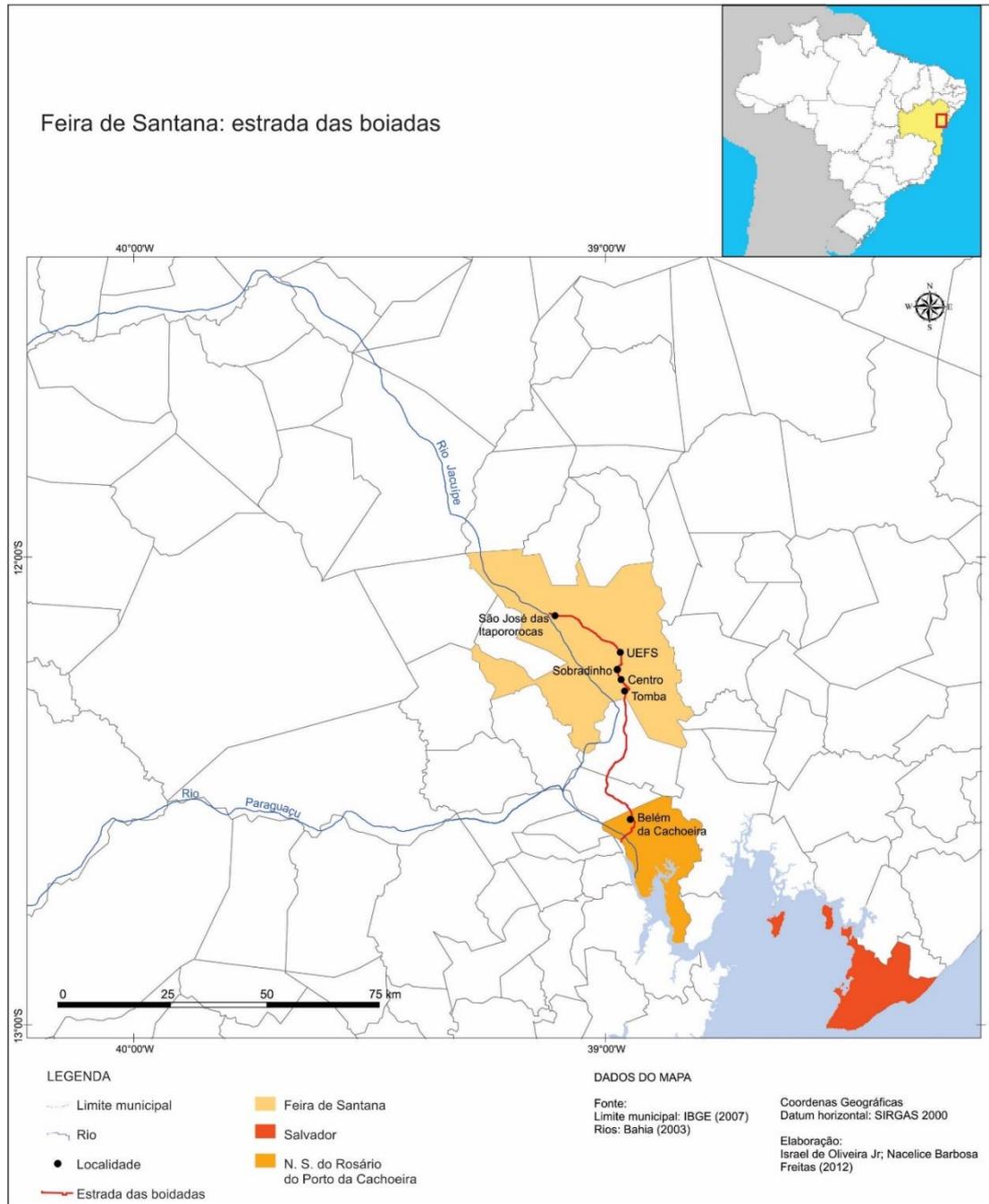
para as pessoas, os atos políticos, mas principalmente, por ter prestado atenção na geografia do lugar e suas atividades econômicas com destaque para o comércio.

A relevância dessa visita se mostra tão pertinente que a Universidade Federal da Bahia publica o Diário e permite o acesso para consulta da obra Memórias da Viagem de suas Magestades Imperiais à Província da Bahia de Bernardo Xavier Pinto de Souza, editada em 1867. Estas publicações contribuíram para a elaboração do Plano de Desenvolvimento Local Integrado, em 1968, e em 1971 do Plano Diretor do Centro Industrial do Subaé. Outras personalidades feirenses como Filinto Bastos, professor Lupério Leolino Pitombo e padre Ovídio Alves de São Boaventura vão destacar o dinamismo comercial e a grande transformação da cidade e do município. Como destaca Azevedo (1976):

Se pudéssemos recapitular minudentemente a história da Princesa do Sertão e da Cidade comercial, assim proclamada pelo Presidente da Província quando promoveu a esta categoria a antiga vila, veríamos que a fidelidade à sua vocação é o traço mais assinalável da existência e da evolução deste município e desta cidade. Mesmo quando muda e toma novos rumos, a contar de 1950 com seu espontâneo surto industrial, e sobretudo desde 1960 com o atilado planejamento de sua industrialização, conserva-se a um passo progressista, empreendedora e fiel a seu passado de centro de piedade cristã, de núcleo de intenso comércio, de laço de entrecruzamento de estradas, de ponto de fixação e de redistribuição de populações.

O mapa 3 representa a importância dessa estrada na organização espacial do futuro município de Feira de Santana. A estrada de boiadas, neste período, é o modal mais importante para a ligação entre o interior do país e a capital. Com Cachoeira, sendo a principal capital regional, e ponto de convergência de toda a atividade econômica, logo após Salvador, a rota dessa estrada não poderia ser outra. Feira de Santana torna-se ponto privilegiado, pois a partir desta toda a organização dos fluxos terrestres terá como passagem seus limites territoriais, o que lhe confere uma vantagem locacional superior perante os demais municípios.

A feira estabelecida ganhou relevante dimensão, ainda na primeira metade desse mesmo século a povoação em torno da fazenda já era um centro de permutas e escambos, o que proporcionou a formação de um arraial. Desse comércio, originou-se uma pequena feira livre realizada uma vez por semana. A concentração populacional foi se ampliando a ponto que no início do século XIX seus moradores solicitaram a criação do município, conforme a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, organizada pelo IBGE (1958): “Seu desenvolvimento econômico levou os habitantes a pedirem a criação do município, o que se concretizou pelo Decreto de 13 de novembro de 1832, com território desmembrado de Cachoeira”.



Mapa 3. Estradas das Boiadas. Fonte: Oliveira Jr e Freitas (2012).

Ainda de acordo com a Enciclopédia, o município criado ganhou foro de cidade à sede municipal através da “Lei Provincial n° 1.320, de 16 de junho de 1873” (IBGE, 1958), recebendo o nome de “Cidade Comercial de Feira de Santana”. Em 30 de novembro de 1938, o Decreto Estadual n° 11.089 modifica o topônimo para Feira de Santana, que vigora até o presente. Segundo a SEI (2010) a Lei Vigente é a de n° 628 de 30 de dezembro de 1953, publicada no Diário Oficial do Estado de 10 de fevereiro de 1954. Atualmente o município é composto pela sede que possui o mesmo nome do município, Bonfim de Feira,

Governador Dr. João Durval Carneiro, Humildes, Jaguará, Jaíba, Maria Quitéria, Tiquaruçu e Matinha (desmembrado de Maria Quitéria em 2008). Segundo Cruz (1999)

Feira de Santana é, desde sua origem, uma cidade marcada principalmente pela pujança de sua atividade comercial. Os volumes negociados, quantidade de estabelecimentos, o pessoal ocupado formal e informalmente com as atividades terciárias, sempre foram expressivos – mesmo antes de tornar-se a ‘Cidade Comercial de Feira de Santana’ (1873).

A década de 1950 apresenta a consolidação da atividade agropecuária no município. Segundo o censo desse período, 30% da população em idade ativa estava ocupada na agricultura, pecuária ou silvicultura. Sendo um importante centro econômico (Figuras 1 e 2), mantém sua função de entreposto do sertão baiano, destacando a engorda e criação de gado bovino, colocando o município em posição de destaque no estado (IBGE, 1958). Também evidencia a realização da feira livre no primeiro dia útil da semana, onde o gado-em-pé é o principal produto comercializado, com projeção por todo o norte-nordeste. Abasteceu com gado de corte os municípios de Aracaju, Maceió, Recife, Salvador e muitos outros no interior da Bahia. Sua relevância foi tamanha que ainda nesse período foi construído um grande matadouro-frigorífico (MAFRISA) para atender a demanda vigente.

Em relação a expansão urbana, o mapa 4 demonstra que até o ano de 1959 a concentração na área central é predominante. Nota-se a existência de um anel rodoviário, em formato circular, denominada Avenida Eduardo Fróes da Mota ou Avenida do Contorno. Sua proposta inicial foi promover uma melhor circulação de caminhões e automóveis que utilizassem uma das BR's que cruzam a cidade sem necessariamente passar pela área central. Desse modo, nessa época, foi planejada para que ficasse distante da malha urbana.



Figuras 1. Feira livre no cruzamento das Avenidas Senhor dos Passos e Getúlio Vargas – Década de 1960. Fonte: www.google.com/imagens.com. Acesso 20 de março, 2016.

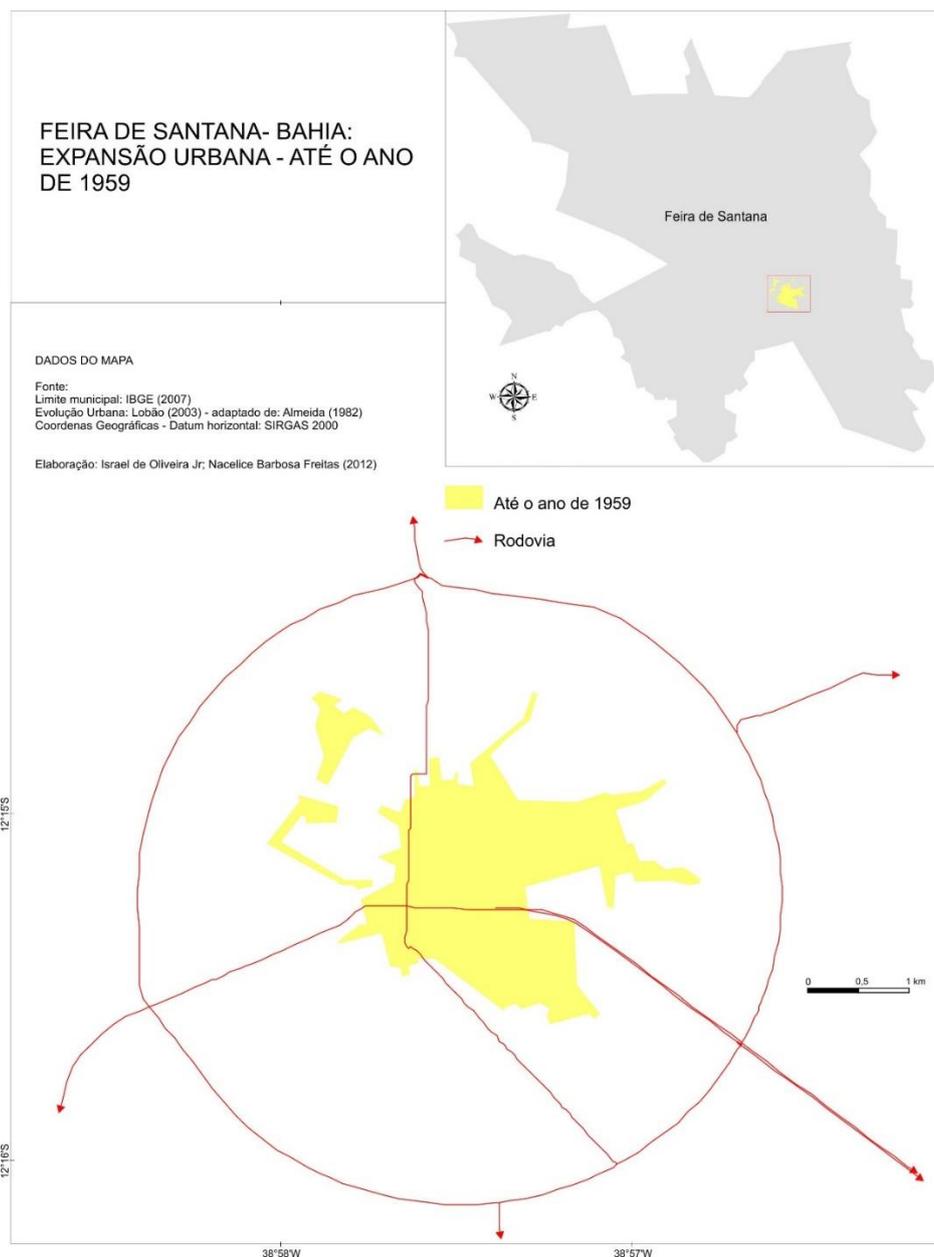


Figuras 2. Feira livre no cruzamento das Avenidas Senhor dos Passos e Getúlio Vargas – Década de 1960. Fonte: www.google.com/imagens.com. Acesso 20 de março, 2016.

A atividade industrial ainda não se faz presente, a produção de manufaturados vendidos na feira livre limita-se a objetos de cerâmica, fibra, madeira e, principalmente, artefatos de couro, sendo uma produção típica artesanal. Por sua vez, o comércio detinha uma posição privilegiada, segundo o Censo Comercial de 1950 apresentava um “[...] considerável aumento, conservando o município na sua posição no cenário comercial do Estado, concentrando-se na cidade 95% dos estabelecimentos [...]” (IBGE, 1958).

Para Geiger (1963) o sistema de transporte rodoviário foi preponderante na evolução da rede urbana brasileira, principalmente, a partir da década de 1960, quando o país entra no período da ditadura militar. Na Bahia, os impactos desse novo modal são visíveis e diretos. Municípios como Cachoeira e Santo Amaro são centros dinâmicos e responsáveis pela distribuição e circulação da economia, pessoas e informação. Através de um sistema fluvio-marítimo e ferroviário entre Salvador e todo o interior do estado, tem suas atividades direcionadas para os municípios de Alagoinhas e, sobretudo, Feira de Santana onde três importantes rodovias federais vão passar. Nesse sentido, tem-se uma estagnação desses primeiros municípios, como escreve Santos (1959) ao analisar a rede urbana do recôncavo e suas alterações. Inclui Feira de Santana e Alagoinhas, pois no cenário por ele estudado, as rodovias já aparecem e contribuem para a nova dinâmica estadual com forte influência desses municípios, principalmente Feira de Santana.

O Recôncavo, passou assim, a olhar para dentro, comunicando-se com Salvador sobretudo por terra. Enquanto Cachoeira e Santo Amaro, portos debruçados sobre as águas, viam restringir sua zona de influência e desciam da posição de capital regional para a de centro local. Feira de Santana passava a comandar a maior parte das relações no mesmo território.



Mapa 4. Expansão Urbana de Feira de Santana até 1959. Fonte: Oliveira Jr e Freitas (2012).

Bomfim (2006) realizou um estudo sobre o funcionamento técnico da rede urbana do recôncavo.

A autora procurou comprovar que as transformações no espaço urbano são resultado direto das inovações técnicas implantadas no território, dentre elas, as rodovias que possibilitaram um novo formato de circulação para as pessoas e mercadorias. Segundo a autora “A sucessão de inovações técnicas, no caso o aparecimento das estradas de rodagem, vai produzir nova configuração espacial da rede urbana, passando a ser comandada por cidades que se beneficiaram de suas vantagens locais, [...]”.

O transporte rodoviário teve uma relevância singular na consolidação de Feira de Santana como centro urbano de grande influência regional. Segundo Silva et al. (1985), o município e a cidade começam

a se destacar no estado e no território nacional a partir de sua ligação rodoviária. Segundo os autores: “Entre 1960 e 1980, Feira de Santana tornou-se um centro de irradiação de vias asfaltadas para todos os maiores centros urbanos do Estado e do País”.

Os resultados desse episódio são percebidos através dos setores econômicos. No período, a agropecuária se destacava na economia, a atividade agrícola passou por intensa reorganização, o emprego de técnicas modernas fizera com que a produção se elevasse. O mesmo fato se deu com a pecuária, como resultado, o abastecimento de Salvador e seu entorno era realizado predominantemente pelos cereais, carne e leite produzidos por Feira de Santana e seus municípios de influência.

Na década de 1970, seguindo um plano federal, a cidade recebe um parque industrial – o Centro Industrial do Subaé (CIS) – que transforma o setor secundário da cidade num dos mais importantes do interior do estado nesse período. Teve grande contribuição para o crescimento urbano da cidade uma vez que a expansão imobiliária no entorno do CIS não parou de ampliar até os dias atuais. O desenvolvimento desses dois setores contribuiu sobremaneira para o acréscimo na oferta de serviços e na intensificação do comércio atacadista e varejista. Sua colaboração foi fundamental para o crescimento da cidade e fortalecimento do município perante os demais na hierarquia urbana estadual (Figura 3).

De acordo Silva et al. (1985) as transformações na organização espacial – especialmente urbana – com traços da antiga estrutura colonial, onde Salvador é o único centro polarizador resulta da “[...] dinâmica da economia do Estado, verificada nas últimas décadas, [...]”. Os autores também chamam a atenção para o fato de que núcleos urbanos como Feira de Santana ganham em dimensão e poder econômico. Passam a competir, dentro do Estado, por uma posição de comando diante de antigos núcleos como Santo Amaro e Cachoeira que perderam importantes áreas de influência para Feira de Santana e mesmo para Salvador.



Figura 3. Cruzamento das Avenidas Senhor dos Passos e Getúlio Vargas - Década de 1970 Fonte: www.google.com/imagens.com. Acesso 20 mar. 2016.

As mudanças na organização espacial da cidade seguem a trajetória proposta pelas ações capitalistas. O conjunto de transformações, planejamentos e projetos propostos para a cidade estiveram sempre voltados para o atendimento dos interesses daqueles que desejam o ajuste do espaço aos seus benefícios. Como registra Freitas (2013):

A leitura realizada sobre as transformações urbanas que ocorreram em Feira de Santana permitem inferir que o urbano se sobrepôs ao rural, afirmando-as que desde a segunda metade do século XIX, até a atualidade é possível observar a tendência do crescimento urbano e o processo de urbanização obedecendo a dinâmica da modernização, tanto na escala nacional, como estadual e local.

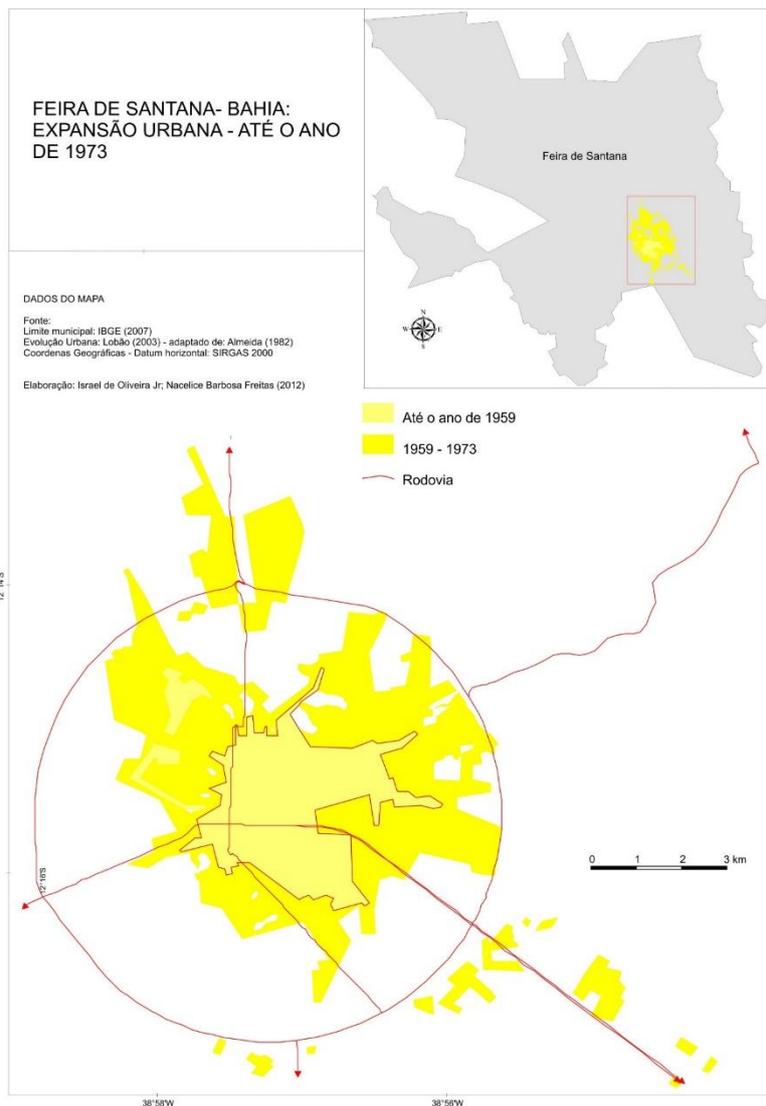
O mapa 5 contribui para o entendimento da expansão urbana de Feira de Santana. A década de 1960 até 1973, representado no mapa, demonstra como o processo de expansão urbana passou por uma ampliação considerável, em especial as áreas que estavam dentro do anel de contorno, com destaque para a parte leste da cidade. Outras manchas urbanas, ao longo da BR-324 (sentido Salvador) e BR-116 (sentido Rio de Janeiro) começam a apresentar uma concentração urbana considerável.

A década de 1980 é marcada pela continuidade da atividade comercial como propulsora da economia de Feira de Santana. O destaque desse período deve-se ao fato de que a partir dele a indústria associa-se a este processo. Como consequência o mercado de trabalho apresenta um maior movimento, principalmente, nas vagas que exigem profissionais mais qualificados. Para Oliveira (2012):

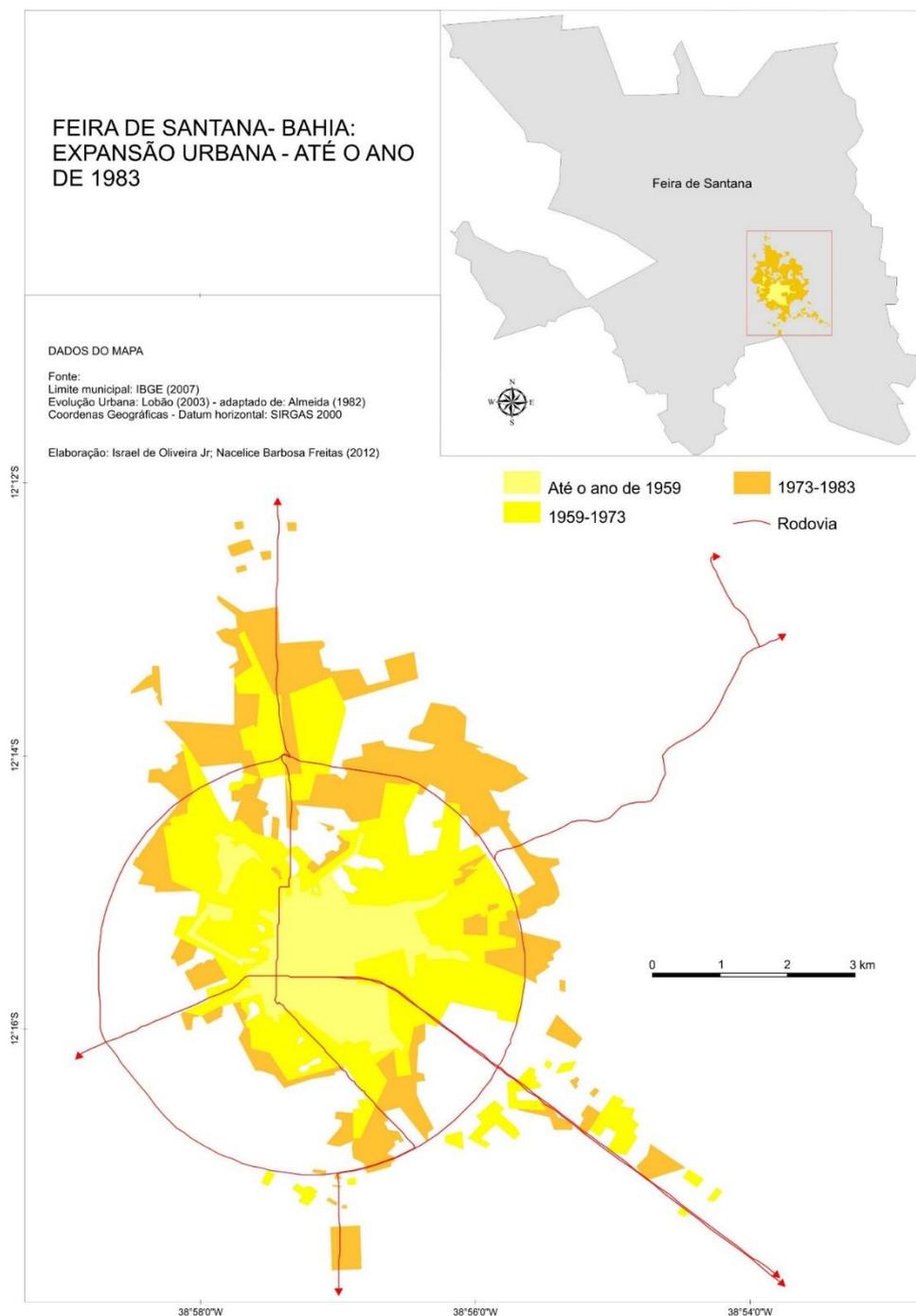
[...] Feira de Santana passou de 1950 a 1980 por uma intensa alteração em sua estrutura econômica, dinamizando o comércio e aumentando, consideravelmente o número de empregos. Essa

combinação de fatores, fez da cidade um pólo de migração, tornando ainda mais complexa a estrutura urbana feirense.

No mapa 6, a expansão urbana até o ano de 1983, ganha uma maior projeção. Os setores econômicos, em crescimento, movimentaram o mercado de trabalho, como consequência direta, o processo migratório trouxe para esta cidade um elevado contingente populacional o que se reflete na sua ocupação que ultrapassa os limites inicialmente planejados para a Avenida do Contorno.



Mapa 5. Expansão urbana de Feira de Santana até 1973. Fonte: Oliveira Jr e Freitas (2012).



Mapa 6. Expansão Urbana de Feira de Santana até 1983. Fonte: Oliveira Jr e Freitas (2012).

Nos cinco primeiros anos da década de 1990, os ajustes de produção realizados nos cenários estadual e nacional vão revelar, na economia feirense, sinais de esgotamento. O fim de períodos de incentivos fiscais, a ausência de uma política industrial regional, a hesitante política econômica nacional e a inflação elevada foram os principais elementos para o fechamento de diversas empresas no CIS (Nascimento, 2006). Mesmo com uma perspectiva negativa, o comércio consegue se manter, segundo

Cruz (1999) “Feira de Santana continuou sendo uma cidade eminentemente comercial, em que pese todo o processo de industrialização”. Quanto a sua importância logística, as rodovias federais contribuíram sobremaneira para seu fortalecimento, mais adiante Cruz reforça essa característica, pois escreve

[...] Ao interceptar fluxos com destino à Salvador e ao Sudeste/Nordeste, o entroncamento rodoviário de Feira continuou conferindo à cidade uma participação relevante na geração de idas e vindas de cargas para as regiões Sudeste e Nordeste do Brasil, assim como para diversas regiões do próprio estado baiano (Cruz, 1999).

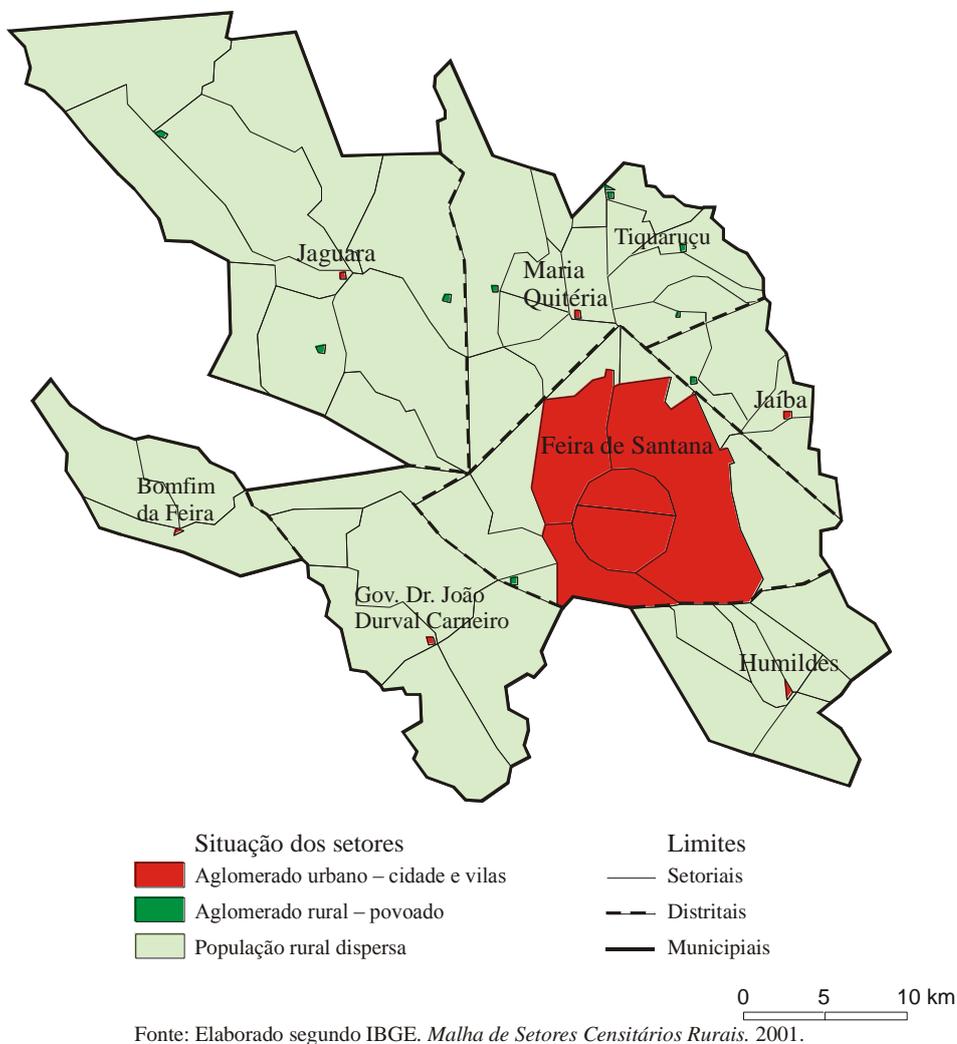
Assim como Freitas (2013), esse autor acredita que as rodovias que cruzam o território de Feira de Santana são resultado de uma organização maior que se utilizou desse município para a consolidação de seus interesses. Por sua vez, Feira de Santana acabou por se beneficiar dessa estrutura exógena e se firmou na sua hinterlândia como polarizadora da economia, na circulação de pessoas e mercadorias.

Tabela 1. População residente, por situação do domicílio, sede municipal e distritos – Feira de Santana – 2010. Fonte: SIDRA/IBGE, 2014.

Sede e distritos	População	
	Urbana	Rural
Feira de Santana (Sede)	495.965	46.007
Bonfim da Feira	2.131	1.302
Gov. Dr. João Durval Carneiro	1.079	2.725
Humildes	6.983	6.479
Jaguara	665	4.386
Jaíba	956	3.583
Maria Quitéria	1.826	12.077
Matinha	573	8.282
Tiquaruçu	457	3.466

Ao analisar os dados do IBGE, organizado na tabela 1, referentes a população residente na sede municipal e nos distritos de Feira de Santana, é possível perceber que a sede é praticamente urbana. O distrito de Bonfim da Feira apresenta uma concentração populacional na sede do distrito maior que a população rural. Os distritos de Governador Dr. João Durval, Jaguara, Jaíba, Maria Quitéria, Matinha e Tiquaruçu apresentam uma população rural superior a urbana. O distrito de Humildes é o que apresenta um equilíbrio entre sua população urbana e rural. O mapa 7 apresenta essa concentração populacional. O

espaço territorial da sede municipal é praticamente ocupado pelo aglomerado urbano enquanto em seus distritos há uma predominância rural.



Mapa 7. Sede e Distritos de Feira de Santana. Fonte: Teles(2017).

REGIÃO METROPOLITANA DE DIREITO E DE FATO

Considerando que a cidade contemporânea é consequência de uma dinâmica complexa, esta possui características resultantes de agentes diversos. Estes transformam constante e intensamente o espaço urbano. Por ser o local da concentração humana, centro das decisões políticas e econômicas, seus representantes travam cotidianamente uma batalha para ver seus interesses consolidados. É também, o lugar no qual o cidadão busca satisfazer suas necessidades, sejam básicas ou supérfluas. Na cidade, seus desejos são concretizados, e com isso, o movimento social e econômico se consolida.

Segundo Sposito (2008): “[...] a cidade revela os interesses e as ações da sociedade e, ao mesmo tempo, oferece condições para que esses interesses e ações se realizem, contribuindo para determinar o próprio movimento oriundo desse conjunto de ações.” A autora ainda enfatiza que a cidade é estruturada por processos contraditórios, não se deve encará-la como uma totalidade fechada. Ao contrário, ela deve ser compreendida como uma totalidade em constantes transformações. E as modificações que ocorrem em locais específicos podem acarretar mudanças qualitativas em outras áreas.

Faz-se necessário destacar o papel dos agentes que produzem a dinâmica da cidade. E esse tem relevante representatividade na sociedade e na formação dessa cidade atual. De acordo com Corrêa (1993) “Fragmentada, articulada, reflexo e condicionante social, a cidade é também o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem.” Na página 11, o autor destaca que o espaço urbano “[...] é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço.”

Não sendo uma característica exclusiva do Brasil, o Estado apresenta um histórico associado ao modelo de desenvolvimento econômico vigente. Representado pelo capitalismo que vem se transformando ao longo do tempo e promovendo diversas reestruturações dos espaços. As mudanças promovidas pelo capitalismo repercutem na criação de novas estratégias no território. A superação do modelo fordista, baseado numa lógica locacional, extremamente concentrada no espaço, cede lugar para a desconcentração das atividades que passam a atuar em cidades de pequeno e médio porte, conseqüentemente, sua dinâmica sofre uma intensa mudança.

Essa desconcentração das atividades é uma estratégia necessária ao capitalismo e promovida pelo Estado. Com maior ou menor atuação, a depender do poder dos grupos que vão se interessar em relacionar num determinado lugar. Logo, entendemos que os processos de metropolização que se dispersam pelo Brasil fazem parte desse atual cenário.

Para analisarmos a região metropolitana, tanto em relação aos conceitos tratados sobre a geografia urbana quanto ao seu caráter institucional. Acreditamos na importância de refletirmos sobre a posição do município, pois essa é a premissa para a formação das aglomerações urbanas a ponto de se tornarem metrópoles, região metropolitana, megalópole ou outras. No Brasil, os governos estaduais e federal promovem diferentes planejamentos para o desenvolvimento territorial. No caso dos estados, cada um planeja, separadamente, como se desenvolver e destacar dentro do território nacional. O governo federal, por sua vez, não apresenta uma política de desenvolvimento regional funcional. A principal fragilidade está na passagem da administração, pois cada governador ou presidente que se elege não dá continuidade a projetos ou propostas anteriores, mesmo que seja uma sucessão partidária.

Assim, em cada estado e região, a posição de destaque de um município colabora para a articulação das ações, políticas, econômicas e sociais necessárias para as mudanças e benefícios na região em que se encontra envolvidos. Segundo Nascimento (2006) “O município é um espaço político e de organização, [...]. Quando este concentra funções de centro dinâmico, deve-se ser capaz de articular-se para atender às áreas de influência que o circulam.”

A organização econômica de Feira de Santana vem, historicamente, contribuindo para seu fortalecimento enquanto município polarizador de sua microrregião. De sua origem, ainda no período colonial até próximo a década de 1980, a atividade primária tem grande representatividade. Porém, é a atividade comercial – com destaque para o comércio de gado bovino – que permitirão o fortalecimento e consolidação de sua área urbana.

Além da posição geográfica que garante uma localização estratégica, os atuais fluxos de capital resultantes da reestruturação produtiva e das ações de governo que promovem um processo de descentralização das atividades em nível nacional são as principais bases para que a cidade de porte médio, como é o caso de Feira de Santana, reforcem arranjos paralelos às intensas mudanças consolidadas. Segundo Santos (2014): “A constituição dessas cidades médias articulou-se às profundas mudanças na urbanização brasileira, que redirecionaram a lógica da divisão territorial, técnica e social do trabalho em escala nacional [...]”.

O IBGE divulgou as estimativas populacionais dos municípios em 2014. Ao excluir as capitais, Feira de Santana ocupa o 15º lugar entre os 25 mais populosos. Entre os municípios do nordeste fica atrás apenas de Jaboatão dos Guararapes (PE) que ocupa a 10ª posição. Outro fato que chama a atenção refere-se a seu efetivo populacional ultrapassar meio milhão de habitantes, pois ao observarmos os cinco últimos municípios da lista estão abaixo de 500 mil habitantes, são eles Ananindeua (PA), Niterói (RJ), Campos de Goytacazes (RJ), Belford Roxo (RJ), Serra (ES) e Caxias do Sul (RS). Tabela 2.

A população de um município não é a única variável a ser considerada para explicar sua dinâmica. Ao mesmo tempo, justifica-se a sua polarização diante de um contingente tão expressivo. No caso do

município em estudo, população e setores econômicos fortalecidos pela conjuntura nacional vão favorecer sua posição regional.

Tabela 2. Os 25 Municípios mais Populosos Exceto Capitais. Fonte: IBGE. www.saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias. Acesso em 28 de agosto de 2014.

Ordem	UF	Município	População 2014
1º	SP	Guarulhos	1.312.197
2º	SP	Campinas	1.154.617
3º	RJ	São Gonçalo	1.031.903
4º	RJ	Duque de Caxias	878.402
5º	SP	São Bernardo do Campo	811.489
6º	RJ	Nova Iguaçu	806.177
7º	SP	Santo André	707.613
8º	SP	Osasco	693.271
9º	SP	São José dos Campos	681.036
10º	PE	Jaboatão dos Guararapes	680.943
11º	SP	Ribeirão Preto	658.059
12º	MG	Uberlândia	654.681
13º	MG	Contagem	643.476
14º	SP	Sorocaba	637.187
15º	BA	Feira de Santana	612.000
16º	SC	Joinvile	554.601
17º	MG	Juiz de Fora	550.710
18º	PR	Londrina	543.003
19º	GO	Aparecida de Goiânia	511.323
20º	PA	Ananindeua	499.776
21º	RJ	Niterói	495.470
22º	RJ	Campos de Goytacazes	480.648
23º	RJ	Belford Roxo	479.386
24º	ES	Serra	476.428

O comércio é a base econômica mais forte de Feira de Santana, através dele o município se firma como importante centro regional. Até a década de 1960, Salvador aparecia como único centro apresentando serviços condizentes a uma metrópole, e Feira de Santana como parte desse sistema urbano primaz. Como escreve Silva et al. (1985) “Feira de Santana, situando-se em uma área estratégica, entre o Recôncavo propriamente dito e o Sertão, passou a exercer, pouco a pouco, um importante papel no inter-relacionamento regional”.

O fortalecimento da economia e da posição urbana de Feira de Santana, acontece, por causa da rápida expansão da sua relação comercial com os municípios do próprio estado e que não tinham ligação com Salvador para consumir bens e serviços diretamente da metrópole. A sua posição, como centro regional, ganha dinâmica através da maior fluidez proporcionada pelo asfaltamento da BR-324, responsável pela ligação entre a capital e Feira de Santana. A abertura de novas estradas ligando os municípios da região a Feira de Santana colaboraram sobremaneira para torná-la atrativa. Para Cruz (1999)

As vantagens competitivas deste município, para além da ‘naturalidade’ locacional e de sua proximidade com a capital, foram criadas pela ação deliberada do Estado que efetuou gastos em infra-estrutura industrial, urbana, rural e rodoviária e implementou políticas ativas (fisciais e creditícias) com o intuito deliberado de atrair capitais produtivos mais dinâmicos.

Esses elementos caracterizam a atividade comercial como responsável pela evolução e consolidação de Feira de Santana dentro da hierarquia urbana estadual e nacional. É inegável que a política nacional de integração territorial e industrial tenham contribuído para seu fortalecimento nesse aspecto, como escrevem Silva et al. (1985)

Mas é no quadro de uma política de integração nacional, por meio de rodovias asfaltadas, e de uma política industrial que devemos situar o crescimento de Feira e o seu novo relacionamento com a metrópole regional.

Temos a complexidade da cidade contemporânea tratada no início dessa discussão. Agentes diferenciados, seja o Estado no nível federal ou estadual, sejam os capitalistas - de perto ou longe – ou qualquer outro agente com interesse nesse papel metropolitano para Feira de Santana estão transformando diuturnamente o espaço urbano desse município.

A região metropolitana de Feira de Santana tem legislação recente que a formaliza enquanto unidade regional. Em relação ao conceito Moura (2014) destaca “[...] são espaços-síntese do processo de urbanização, em seu estágio de metropolização. Espaços densos, contínuos ou descontínuos, concentradores de pessoas, de renda, de conhecimento e de poder, estruturam e articulam a rede de cidades.” O que temos na RMFS é a afirmação dos argumentos da autora, a discussão teórica mostra um

critério de criação e organização das metrópoles e regiões metropolitanas que não são os mesmos da organização política. Sobre seu caráter institucional, mais adiante a autora explica:

Capturada pelo legislador sem o rigor do conceito, a denominação “região metropolitana” foi minimizada e restringida a corresponder nada mais que uma categoria constitucional de unidade regional a ser criada para gestão de funções públicas de interesse comum. A institucionalização de regiões metropolitanas tornou-se recorrente, muitas vezes limitando-se ao ato formal.

A Lei Complementar nº 14 de 08 de junho de 1973 dá início a institucionalização da região metropolitana no Brasil, esta lei cria as regiões metropolitanas de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Curitiba, Belém e Fortaleza. Num período de ditadura militar a participação popular ou os profissionais que trabalhavam com planejamento urbano ficaram de fora do processo (Maricato, 2010). Os militares tomaram para si a função de organizar o espaço urbano brasileiro – nas suas diversas escalas geográficas – e não ficou esclarecido quais eram os critérios ou objetivos da política urbana que estavam propondo para o país. Com a Constituição de 1988, procura-se ajustar essa situação, porém as definições ainda estão longe da teoria e da prática. Segundo Ferreira; Freitas (2014)

A Constituição Federal de 1988 introduz as categorias de regiões metropolitanas, aglomerações urbanas e microrregiões segundo a condição dos limites administrativos dos municípios integrantes da região e as finalidades de sua instituição, mas não trata da natureza urbana destes espaços ou de sua formação enquanto processo de organização socioespacial.

Mesmo sendo um período de democracia, a Constituição Federal deixa espaço essencial no entendimento e na determinação desses conceitos e de seus diferentes aspectos e relevância para a organização política e territorial. Vivemos um novo modelo de metropolização que realiza um processo no qual metrópoles e cidades de diferentes portes são incluídas em espacialidades singulares. Com isso, uma diversidade de definições é associada à metrópole ou aos arranjos espaciais relacionados ao processo de metropolização. Uma vez que a reconfiguração territorial contemporânea promove novas formas e conteúdo para a cidade. Pela discussão de Moura (2014), entende-se que metrópole pode ser definida como:

[...] cidade principal de uma região, aos nós de comando e coordenação de uma rede urbana, que se destacam não só pelo tamanho populacional e econômico, como também pelo desempenho de funções complexas e diversificadas (multifuncionalidade), e que estabelecem relações econômicas e sociais com várias outras aglomerações.

Essa é a realidade de Feira de Santana, pois se apresenta atualmente como a cidade principal de sua microrregião. Ao observarmos o total de sua população em relação a população dos municípios que compõem a Região Metropolitana de Feira de Santana é possível compreender seu destaque, Tabela 3. Segundo Cruz (1999) “Novos capitais eram alocados às atividades terciárias, atraídos pela demanda da nova indústria e pelo intenso crescimento demográfico e as altas taxas de urbanização no município e nas cidades da região.”

Feira de Santana é o município com maior taxa de urbanização, com 91,73%, uma população total de 556.642 habitantes, uma população urbana de 510.635 e a rural apresentando 46.007 demonstra um predomínio do urbano sobre o espaço rural.

Amélia Rodrigues apresenta uma população total de 25.190, sendo 19.957 no espaço urbano e 5.233 habitantes no espaço rural. Sua taxa de urbanização é de 79,23%. Próximo a Amélia Rodrigues está o município de Conceição do Jacuípe com uma população total de 30.123 habitantes, sua taxa de urbanização é de 78,14%.

Tabela 3. População Total, Urbana, Rural e Taxa de Urbanização dos Municípios que compõem a Região Metropolitana de Feira de Santana – BA, 2010. Fonte: IBGE. Contagem da População, 2010.

Município	População			
	Total	Urbana	Rural	Taxa de urbanização
Amélia Rodrigues	25.190	19.957	5.233	79,23
Conceição da Feira	20.391	13.137	7.254	64,42
Conceição do Jacuípe	30.123	23.539	6.584	78,14
Feira de Santana	556.642	510.635	46.007	91,73
São Gonçalo dos Campos	33.283	16.505	16.778	49,59
Tanquinho	8.008	5.711	2.297	71,32
Total	673.637	589.484	84.153	87,50

O município de Tanquinho apresenta uma particularidade, dentre os que compõem a RMFS é o que possui a menor população total, 8.008 habitantes, porém quando efetuado os cálculos para definir a taxa de urbanização esta apresenta números elevados, 71,32%, colocando-o em 4º lugar dentro do conjunto dos municípios, com uma população urbana de 5.711 e rural de 2.297 habitantes.

O município de Conceição da Feira apresenta uma população total de 20.391 habitantes dividida entre uma população urbana de 13.137 e rural de 7.254, apresenta uma taxa de urbanização de 64,42%. O município de São Gonçalo dos Campos está no último lugar entre os que compõem a RMFS quando considerada a taxa de urbanização. Apresenta uma população total de 33.282 habitantes, urbana de 16.505 e rural de 16.778, sua taxa de urbanização demonstra que ainda não é um município urbanizado.

Ao analisar o espaço urbano, tanto numa escala intraurbana quanto interurbana, identifica-se que o processo de urbanização se acentuou no transcorrer do século XX. Essa exacerbada urbanização reflete uma concentração populacional num número pequeno de cidades. Como consequência, a economia, infraestrutura, telecomunicações e todos os problemas gerados por sua desigual distribuição, aliado ao capital segregador, geram intensos conflitos no espaço urbano. Além disso, Cruz (1999), nessa mesma tese, ainda destaca que essa realidade contribui para a elevação do desemprego, e conseqüentemente, do comércio e serviços informais.

Muitas dessas concentrações populacionais formam regiões metropolitanas, é evidente o processo de acumulação do capital concomitante a reprodução e urbanização da sociedade. Na tabela 3 é possível perceber que os municípios que compõem a RMFS possuem elevada população urbana e taxa de urbanização, apenas o município de São Gonçalo dos Campos ainda não alcançou uma urbanização, contraditoriamente, é o município que apresenta um acelerado processo de conurbação com Feira de Santana e atualmente tem atraído numerosas empresas para seus limites territoriais. Figura 4. Apesar de cada município reivindicar para si a posse dos empreendimentos industriais estabelecido nessa região, o fato o acelerado processo de urbanização que vem se expandindo nas últimas décadas e aproximando fisicamente estas duas cidades.



Figura 4. Processo de conurbação entre os municípios de Feira de Santana e São Gonçalo dos Campos – 2015. Fonte: <https://www.google.com.br/maps/search/estrada+feira+de+santana>. Acesso: 31 de maio. 2015.

Para Moura (2014) “Longe de apenas reforçar aglomerações singulares, a metropolização passa a engendrar novas morfologias urbanas, muito mais articuladas e densas, ao mesmo tempo descontínuas, dispersas, sem limites precisos.” Feira de Santana se insere nessa articulação, tanto com espaços urbanos próximos quanto distantes. Ao observarmos as figuras 5 e 6, percebe-se como a passagem da autora acima

geográfica. É o que acontece com os municípios que procuram por serviços e pelo comércio de Feira de Santana e estão totalmente fora de sua regionalização institucional.

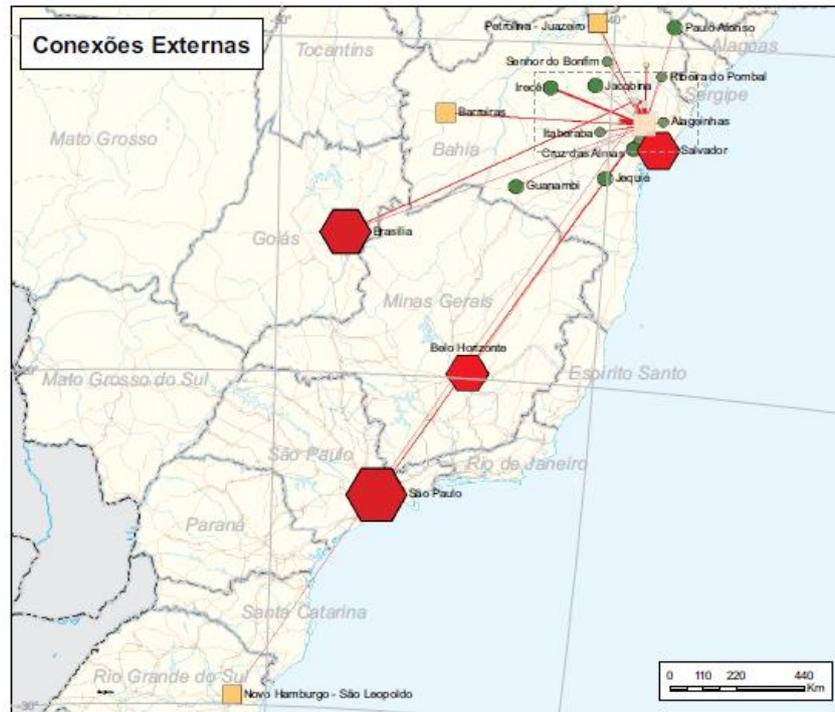


Figura 6. Conexões externas de Feira de Santana. Fonte: Regiões de Influência das Cidades. IBGE, 2008.

Para Moura (2014) “Entre os arranjos espaciais, os urbano-industriais situam-se como os principais responsáveis pela inserção regional na divisão social do trabalho.” Diante de tais considerações, tem-se o fortalecimento do movimento populacional concentrado em certas áreas, como desfaz as proposições de que no Brasil um processo de desmetropolização esteja em curso por conta das novas tecnologias de comunicação. Essa concentração populacional tem como efeito a elevação na densidade de espaços já concentrados, e sua expansão, sem planejamento, ou auxílio de políticas públicas na gestão imediata. Promovem toda sorte de resultados, ambientais e sociais, com repercussões, principalmente, negativas e difíceis de superar em caso de problemas.

Na década de 1960, o governo federal associou o projeto de formação de regiões metropolitanas a argumentação relativa a integração e desenvolvimento regional. No entendimento dessa esfera de poder isso ocorreria a partir do crescimento socioeconômico nas metrópoles. Nesse período, a industrialização era o processo que incentivava a formação dessas regiões.

A partir da década de 1990, a indústria deixa de ser o elemento-chave nesse processo. Os serviços passam a determinar a implementação de uma região metropolitana. O discurso que ganha notoriedade

trata da relevância em reduzir as desigualdades entre os municípios a partir de uma maior e melhor articulação regional. Segundo Silva (2014) “Tanto o desenvolvimento regional quanto a integração do território são viáveis, desde que haja coesão entre as municipalidades e os setores sociais e econômicos envolvidos”.

Para que esta proposta se concretize, faz-se necessário a presença de um município que apresente a infraestrutura mais completa e possa ser caracterizado enquanto metrópole. Este deve apresentar um espaço urbanizado e a maior concentração de produtos e serviços. Seu vínculo entre a cidade mais bem equipada e os municípios próximos se justificaria pela intensidade nos fluxos em busca de bens e serviços, organizando uma rede de serviços intensa, legitimando a formação e consolidação da região metropolitana. Ainda segundo Silva (2014)

[...] a região metropolitana teria como características a capacidade de difundir ideais socioeconômicos, culturais e políticos. Tal difusão ocorre a partir dos serviços e infraestrutura, sobretudo os localizados na metrópole. Assim sendo, as regiões com caráter metropolitano, ou seja, com a capacidade de polarização significativa, teria mais facilidade para agir em diversas escalas espaciais.

É preciso destacar que tanto o Estado quanto os teóricos que tratam das discussões sobre região metropolitana concordam num sentido, há uma cidade determinada como metrópole. Isso ocorre considerando sua relevância em relação as demais cidades, sobretudo, no que se refere a infraestrutura e serviços. Caracteriza-se como resultado e objeto da acumulação capitalista. Ao concentrar uma variedade de serviços relativos, principalmente, ao modo como se organiza o espaço da região metropolitana. Para Silva (2014) “[...] é base para (re)produção do capital além de ser um espaço estratégico para desenvolvimento e disseminação de ideais políticos, econômicos e culturais”.

O capitalismo impulsiona as relações sociopolíticas – e estas – por sua vez, vão refletir na metropolização. Esse processo constitui na “[...] integração de território a partir de uma cidade-núcleo, configurando um território ampliado, em que se compartilha um conjunto de funções e interesses comuns” (Costa et al., 2010). Essa integração se materializará através da sua centralidade. Ao estabelecer uma intensa rede de circulação e informação, tendo como fixo principal as cidades com maior infraestrutura, seus fluxos se direcionarão e a consolidarão por conta dos interesses análogos.

FATORES COMPETITIVOS PRESENTES EM FEIRA DE SANTANA

A atividade comercial foi e ainda é o principal elemento para a consolidação do centro de Feira de Santana. Possibilita a expressão de sua centralidade em diferentes padrões de consumo, promovendo disputas e conflitos entre o comércio formal, o informal e o poder público. Seu centro comercial atual corresponde a uma área que apresenta centralidade numa escala intra e interurbana, oportuniza encontrar uma variedade de trabalhadores exercendo igualmente uma série de funções.

Um destaque para esse espaço refere-se ao fato de que ao longo do processo histórico não perde em valor econômico, dinâmica populacional ou imobiliária. Vem, ao longo das décadas, sendo alvo de conflitos e disputas entre aqueles que pretendem exercer suas atividades econômicas. Com isso, não só o comércio concorre, mas atividades como saúde, educação, serviços bancários disputam cada metro quadrado do centro comercial.

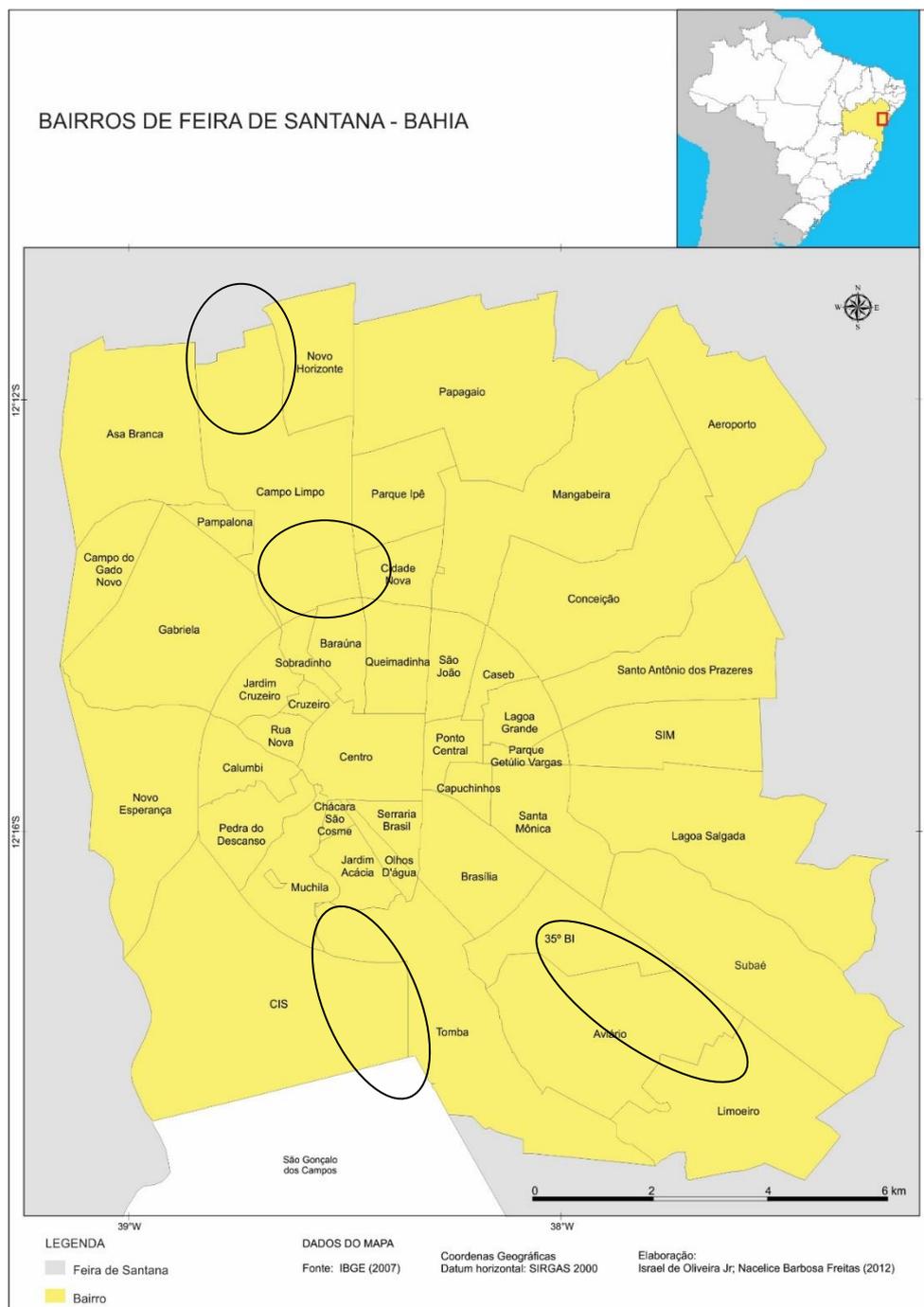
Desde a instalação dos primeiros estabelecimentos comerciais a centralidade de Feira de Santana apresentou-se com caráter regional, pois atendia uma população de municípios próximos, além daqueles que estavam de passagem. As relações de poder e domínio econômico mantêm-se no centro principal, mesmo com a expansão da cidade e o surgimento de subcentros (Mapa 8). Apresenta-se como o lugar onde a população local e de outros municípios procuram para realizar compras ou serviços. Segundo Cruz (1999)

Apesar do crescimento da estrutura de armazenagem e de infraestrutura portuária de Salvador (que concorre com Feira) a posição de grande centro atacadista do interior foi mantido, aumentando suas vantagens sobre outros centros urbanos também localizados às margens das rodovias BR-101 e BR-116.

A cidade de Feira de Santana se destaca pelo seu comércio atacadista, grandes empresas se organizam apresentando pontos de venda de seus produtos na área central e centros de distribuição nos bairros fora do anel rodoviário. O que lhe confere maior fluidez no momento da entrega. Bairros como Novo Horizonte, Cidade Nova, Subaé, Aviário destacam-se por serem cortados pelas BR-324 e BR-116, ou no caso do bairro Tomba sua conurbação com o município de São Gonçalo dos Campos e a presença da BA-502, lhe permite maior acessibilidade aos municípios de Cachoeira, Muritiba, Cruz das Almas e região.

Segundo Nascimento (2006) “[...] as atividades econômicas que requerem maior especialização tecnológica, praticamente inexistentes nos demais municípios da região, são demandadas no e pelo próprio município centro.” Feira de Santana se destaca diante os municípios de sua microrregião, o que promove uma elevação no fluxo migratório e conseqüentemente pessoas menos qualificadas buscando ocupação.

Como são solicitadas especializações, ocorrem duas situações; um grande contingente de mão-de-obra desqualificada que acaba por se inserir no comércio informal; aqueles que possuem as qualificações técnicas solicitadas ocupam essas vagas presentes nas atividades e colaboram para fortalecer o processo de desigualdades intra-regionais.



Mapa 8. Bairros de Feira de Santana. Fonte: Oliveira Jr e Freitas (2012).

Essa concentração de atividades em Feira de Santana colabora para elevar o desequilíbrio entre municípios que compõem sua região metropolitana, pois a tendência é a intensificação dos desequilíbrios regionais. Segundo Silva e Silva (1989)

[...] a concentração espacial refletiria (via metropolização, por exemplo) a busca da maximização da eficiência, sobretudo econômica, com o objetivo de se obter maiores índices de crescimento, mas comprometendo os aspectos distributivos e a equidade social.

As transformações técnicas e estruturais proporcionadas, principalmente, pela inauguração do sistema rodoviário, transforma Feira de Santana num ponto estratégico na região, promovendo a expansão regional e nacional de suas atividades. “O comércio é o setor de maior importância econômica da estrutura produtiva municipal em geração de emprego e renda” (CIFS, 2008). Para este órgão, a elevada diversificação dos negócios tem agregado, desde a década de 1950, uma relevância econômica que opera como ponto nessa rede de produção e distribuição de bens e serviços. A posição geográfica do município de Feira de Santana pode ser considerada como a principal vantagem para seu crescimento econômico.

Figura 8. Segundo Freitas (1998):

Constituiu-se desde o início de sua formação em um entroncamento, passagem obrigatória para quem circula para o norte ou para o sul do país, e o fato de ter um sistema de cruzamento de estradas de rodagem, faz com que, se transforme num centro de comercialização de produtos.

O desenvolvimento socioeconômico das cidades de médio porte está associado as transformações no espaço urbano, modificando consideravelmente o seu uso do solo. A divisão do trabalho e a especialização dos serviços reflete a associação estabelecida entre a evolução humana – que foi incorporando a técnica – e o mundo consolidado pelo capitalismo. Segundo Freitas (2013):

[...] Feira de Santana passou de 1950 a 1980 por uma intensa alteração em sua estrutura econômica, dinamizando o comércio e aumentando, consideravelmente o número de empregos. Essa combinação de fatores, fez da cidade um polo de migração, tornando ainda mais complexa a estrutura urbana feirense.

De acordo ao mapa 9 é possível constatar porque a posição de Feira de Santana é considerada estratégica. Por seus limites territoriais passam 3 rodovias federais e 2 estaduais. As BR-324 e BR-116 passam por dentro da cidade, se confundindo com ruas e avenidas. A BR-101 cruza o município, na altura do distrito de Humildes, numa região bastante urbanizada. Além disso, a BA-502 liga Feira de Santana a São Gonçalo dos Campos num espaço bastante conurbado e, a BA-052 liga Feira de Santana ao município de Itaberaba, importante centro subregional B.



Mapa 9. Principais rodovias que cruzam Feira de Santana. Fonte: DNIT. *Mapa Rodoviário Bahia*. 2002.

As necessidades humanas promovem a criação de novas estruturas, dentre elas, os centros comerciais. Em relação a Feira de Santana, 91,73% da população está vivendo em áreas urbanas do município, contribuindo para a confirmação do intenso desenvolvimento do setor terciário.

Quanto ao Produto Interno Bruto (PIB), segundo dados do IBGE, em Feira de Santana, o setor primário participa com R\$ 52.807, o secundário R\$ 1.810,935 e o terciário R\$ 5.189,304. Nesta conjuntura, comércio e serviços se destacam revelando a cidade como um dos principais pólos comerciais do estado, pois atende um grande número de municípios de sua microrregião e de outras próximas.

A tabela 4 demonstra uma grande disparidade entre Feira de Santana e os municípios da sua região metropolitana. O município de Amélia Rodrigues é o de maior PIB, assim mesmo, está aquém dos números apresentados por Feira de Santana. Conceição do Jacuípe, São Gonçalo dos Campos e Conceição da Feira apresentam números relativamente próximos a Amélia Rodrigues e também uma disparidade em relação a Feira de Santana. O município do Tanquinho é o que apresenta os menores valores em relação ao PIB.

Essas informações evidenciam a evolução comercial e sua consolidação num contexto espaço-tempo. No histórico de formação do município o setor primário se fez presente. O espaço urbano de Feira de Santana se altera como resultado do crescimento populacional, da integração regional e da incorporação de elementos do meio técnico-científico-informacional que transformam estruturas materiais e de comando. Segundo Cruz (1999) “De ‘grande empório do sertão’, a cidade ‘Princesa do Sertão’ passaria a

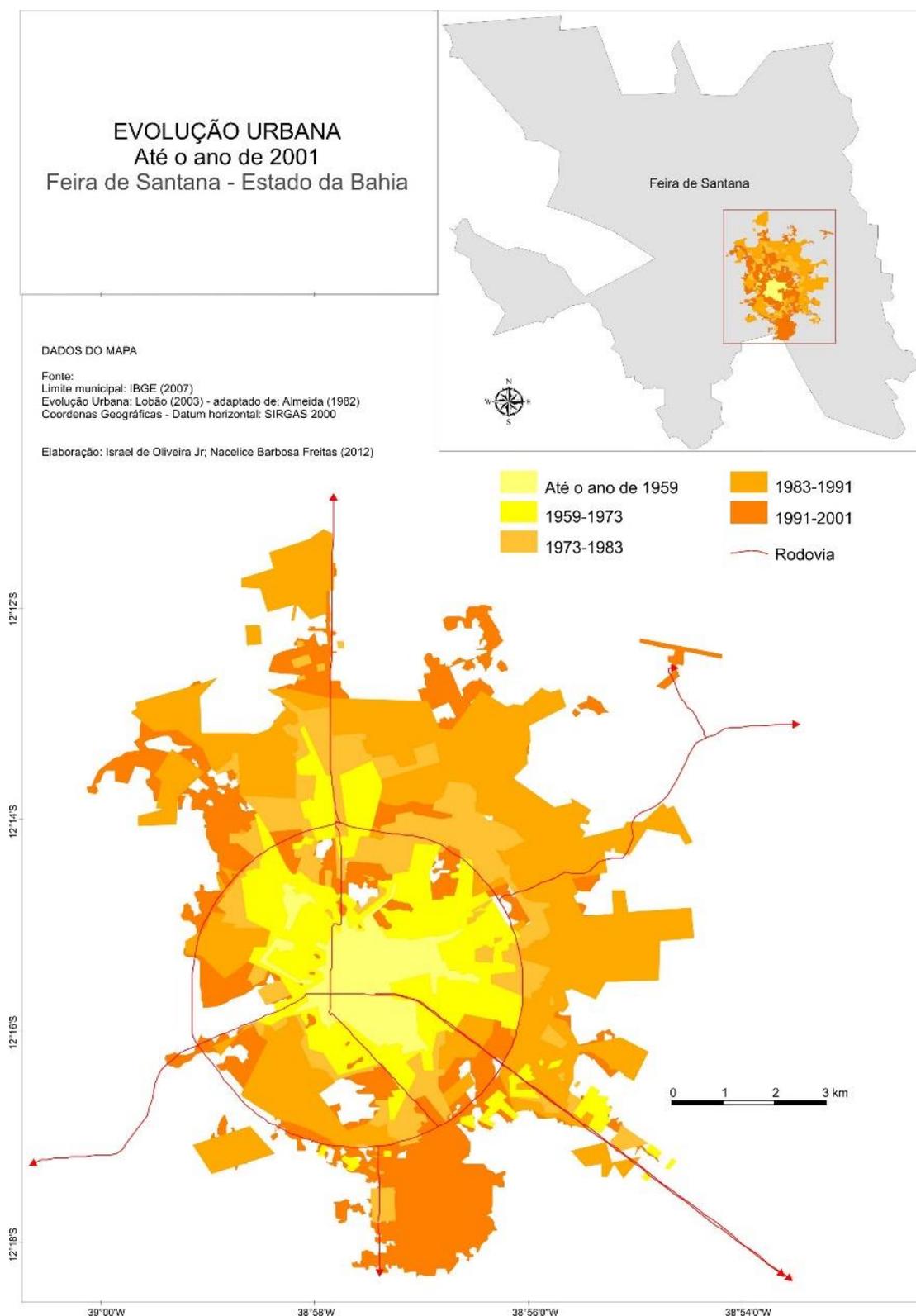
adquirir características industriais sem, contudo, perder seu papel de articuladora do comércio regional e nacional, principalmente nos fluxos Sudeste-Nordeste.”

Tabela 4. Participação do PIB (percentual) a preços correntes dos municípios que compõem a Região Metropolitana de Feira de Santana (BA) – 1999/2012. Fonte: SIDRA/IBGE. Organizado por Teles (2015).

Município/Ano	1999	2000	2005	2010	2012
Amélia Rodrigues	6,63	6,00	4,82	5,69	4,90
Conceição da Feira	1,67	1,79	1,30	1,05	1,15
Conceição do Jacuípe	3,39	3,48	3,28	5,30	5,92
Feira de Santana	75,20	75,01	73,75	74,03	73,81
São Gonçalo dos Campos	1,94	1,75	2,82	2,61	2,53
Tanquinho	0,40	0,36	0,32	0,31	0,30

O comércio presente nesta cidade encontra os elementos necessários para consolidar tanto o formal quanto o informal. Ao se difundir estes elementos sobre o território se verifica uma maximização do espaço urbano. Constata-se também um possível aprimoramento das funções exercidas pelas cidades, isso estabelece relevante elemento na constituição de novas centralidades. A evolução urbana de Feira de Santana até o ano de 2001 revela que a cidade se tornou de fato urbanizada. O anel de contorno planejado como referência para a delimitação urbana há muito tornou-se obsoleto. Mapa 10.

Por outro lado, descentralizar as atividades de comércio proporciona a institucionalização de novas economias de aglomeração, como consequência, o sucesso econômico relacionado às cidades médias atrai um fluxo de pessoas. Promove seu crescimento desordenado, assinalando um contingente maior de pessoas e mercadorias, comprovado pela era da globalização. Na Tabela 5 é possível observar que dentre o pessoal ocupado no mercado formal de trabalho, entre os anos de 2005 e 2008, em Feira de Santana, o comércio foi o que apresentou o maior contingente. Seguido por serviços e indústria de transformação.



Mapa 10. Evolução Urbana de Feira de Santana até 2001. Fonte: Oliveira Jr e Freitas (2012).

Tabela 5. Pessoal ocupado no mercado formal de trabalho, por setor de atividade econômica, Feira de Santana – BA, 2005-2008. Fonte: RAIS/MTE, 2009. Organizado pela SEI, 2010.

Setor de Atividade /Ano	2005	2006	2007	2008
Extrativa mineral	121	119	97	124
Indústria de transformação	13.197	15.242	14.259	16.786
Serviços industriais de utilidade pública	759	820	780	797
Construção civil	3.401	3.367	4.722	5.834
Comércio	22.951	24.574	27.223	29.009
Serviços	18.065	20.063	19.776	23.792
Administração pública	7.995	8.007	8.303	5.973
Agropecuária, extrativismo vegetal, caça e pesca	1.529	1.257	1.136	1.128

A administração pública também é um setor de atividade que emprega uma população considerável. A construção civil encontra-se, nesse período, com o mercado imobiliário em ascensão, o que promove uma elevada ocupação. A agropecuária reflete o cenário de décadas no município, com uma constante redução da mão-de-obra empregada em suas atividades. A diminuição da atividade agropecuária no município é fato. Os serviços industriais de utilidade pública mantêm-se num mesmo nível enquanto a atividade extrativa mineral é a que tem menor participação.

O município de Feira de Santana tem a particularidade de fazer parte do projeto de modernização nacional. Este fato o consolidou como relevante centro de logística e produtor regional de mercadorias, uma vez que a indústria local produzia fundamentalmente para atender a demanda local, como escreve Monteiro (2009): “As unidades menores, em geral, produziam bens de consumo finais ou intermediários voltados para os mercados local e micro-regional”. Segundo Santos (2006):

Todas essas transformações na economia baiana contribuíram ao longo dos anos para a integração seletiva do estado, mesmo que de forma periférica, ao circuito de reprodução do capital no Brasil, o que passou a ter forte rebatimento em pontos específicos do espaço baiano, por exemplo, no município de Feira de Santana.

No discurso propagado no período da implantação do CIS, associa o progresso econômico à produção industrial. Os interessados nessa nova dinâmica defendem a ideia de que o progresso, a evolução e o crescimento de Feira de Santana só ocorreriam se um centro industrial fosse instalado. Mesmo com esta nova estrutura se destacando na organização socioeconômica e espacial, a atividade comercial não perde sua importância ou deixa de crescer, como destaca Poppino (1968): “As condições, que favoreceram

ao desenvolvimento industrial, também trabalharam em favor de uma expansão comercial ulterior. Qualquer progresso na produção industrial acarretará como consequência um incremento nas atividades comerciais.”

Apesar do excessivo discurso de progresso e alinhamento ao cenário industrial nacional, o setor industrial de Feira de Santana – que foi se consolidando a partir de 1950 – foi inicialmente para a transformação de bens primários regionais. A partir dos anos 1990, passou a receber indústrias de porte nacional. Segundo Silva et al. (1985)

[...] o setor industrial foi comparativamente secundário ao papel de entreposto comercial da cidade. [...] a produção industrial consistia basicamente na transformação das matérias agrícolas regionais para consumo regional ou para exportação. A indústria surge assim, como uma decorrência da expansão do setor primário regional, cujos produtos eram comercializados por Feira de Santana. Os capitais são essencialmente da região.

Considerando a escala geográfica, o comércio local é a atividade principal para a cidade. Sua importância deve-se ao volume de mercadorias, o número de empregos gerados, bem como, o valor em arrecadação de impostos municipais e estaduais. A indústria experimentou um crescimento considerável, com destaque para a década de 1970, porém, o comércio foi e continua imbatível quando analisado o número de estabelecimentos e o pessoal ocupado no setor formal (Cruz, 1999).

DETERMINANTES PARA A CENTRALIDADE URBANA, REESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO E POPULARIZAÇÃO DO CONSUMO

A segunda metade do século XX e o início do século XXI apresentam-se como marcos históricos no processo e consolidação de internacionalização do capital. No decorrer desse período, uma sucessão de acontecimentos vai promover uma revolução no modo de produzir. As inovações técnico-científicas, que repercutiram, dentre outros fatores, na intensificação dos processos de industrialização e urbanização também fomentaram o capitalismo no espaço rural reorganizando sua dinâmica, ampliando os serviços urbanos e expandindo os fluxos de transportes e comunicações.

No caso do Brasil, as principais mudanças produzidas por esta revolução foram observadas numa expressiva expansão dos três setores econômicos e uma relevante modernização na infraestrutura de comunicação e circulação. Esses fatores foram a base para a consolidação de muitas cidades brasileiras promovendo o fortalecimento das atividades presentes no seu espaço urbano.

A partir da década de 1970 importantes mudanças vem ocorrendo no meio urbano brasileiro, em especial na sua estrutura, função e forma (Santos, 1985). As cidades têm demonstrado modificações dinâmicas, de acordo sua posição no cenário nacional, a região na qual estão inseridas e a função que exercem regionalmente. Para Feira de Santana, considerada uma cidade média, voltada para o comércio, sua função desenvolvida em nível regional está associada ao setor comercial. Segundo Araújo (2006):

A década de 1970 foi decisiva na organização do espaço urbano de Feira de Santana. A partir desse período, importantes transformações ocorreram no seu interior, resultando numa mudança dinâmica no seu papel. Isso ocorreu de acordo com os interesses local e regional, e pela sua posição dentro do estado da Bahia e do Nordeste do Brasil.

Incorporar-se ao meio técnico-científico-informacional promoveu meios para que as cidades pudessem se aparelhar com serviços de comunicação, armazenagem de informação, serviços bancários mais atualizados, logística de transporte e circulação, especialização da atividade comercial e profissionais tecnicamente qualificados em ramos específicos. Esses elementos, quando associados e presentes em cidades médias, como Feira de Santana, as promovem a condição de referência regional.

Analisar a posição de Feira de Santana na rede urbana brasileira contribui para entender sua posição na região em que está inserida além dos elementos promotores de sua ascensão a condição de região metropolitana. Segundo Corrêa (1989) a rede urbana está presente nos países subdesenvolvidos. Sendo uma consequência dos efeitos acumulados das ações de variados agentes sociais, em particular do estado

e daqueles que representam o grande capital. Ao introduzirem – tanto no campo quanto na cidade – ações que terão como consequência a diferenciação de áreas e que regulam novas ações vão compor o que entendemos por rede urbana.

Podemos considerar uma rede urbana como uma forma espacial pela qual suas funções se materializam. Sejam de comercialização atacadista e varejista, produção industrial ou prestação de serviços. Considerando que tratem dos processos sociais, entre eles “[...] a criação, apropriação e circulação do valor excedente constitui-se no mais importante, ganhando características na estrutura capitalista” (Corrêa, 1989).

Também há de se analisar, no entendimento da rede urbana, a região e as cidades que por ela se distribuem, em particular seu papel econômico mais ou menos sugestionado pela história. Já sua inserção geográfica terá como consequência no modo como cumprem seus papéis dentro da região. Ao apreciar o modelo de Christaller, uma das bases teóricas dessa tese, considera-se a existência de uma hierarquia entre as cidades que vão compor a rede urbana. Nesse caso, Feira de Santana é a capital regional e que se determina através de duas características específicas: o PIB e a circulação de pessoas e mercadorias determinado de forma permanente no território. Outro elemento a se considerar refere-se ao tamanho, funções econômicas e a localização das cidades num determinado espaço. Para Christaller (1966) há aglomerações urbanas de tamanhos variados munidas de funções centrais.

Na teoria de Christaller uma polarização espacial de aglomerações urbanas pode ser caracterizada a partir de qualquer estabelecimento industrial, comercial ou de serviços que atenda uma região próxima do centro fornecedor. Assim, haveria a formação de uma hierarquia de cidades, onde no nível mais básico, encontrar-se-iam as cidades produtoras de bens e serviços mais necessários e demandados pela população no seu cotidiano. No nível mais sofisticado, estariam os centros urbanos maiores geradores de produtos e serviços com maior especialização e alcance territorial. Essa é a realidade da população que procura Feira de Santana por ser o centro com maior especialização em produtos e serviços, além de conter uma maior variedade em estabelecimentos comerciais. Para Araújo (2006) “A expansão crescente do setor terciário configura Feira de Santana como um lugar central na rede urbana regional, para onde fluem os fluxos procedentes dos municípios de sua área de influência”.

É preciso considerar as novas contribuições ao processo de produção do espaço, particularmente o brasileiro, e para este trabalho, o de Feira de Santana. As mudanças são concretas e visíveis, principalmente no setor terciário que absorveu os elementos do período técnico-científico-informacional, sobretudo no que diz respeito a informática e comunicação. Essa reestruturação tem como consequência significativas alterações tanto no modelo de acumulação quanto na organização do espaço respondendo na estrutura da hierarquia urbana.

Alguns críticos tecem suas considerações em relação a abordagens como a Teoria das Localidades Centrais argumentando a defasagem histórica diante as relevantes mudanças ocorridas pós-1970, principalmente nos países subdesenvolvidos. Considerando os fatores que atuam para as transformações do espaço urbano tem-se a redução nos custos do transporte, maior acesso a telecomunicação, mobilidade de pessoas e mercadorias, disponibilidade de equipamentos e serviços, até então privilégio das grandes cidades. Quando refletimos sobre essa defasagem, julgamos impertinente, pois se tomamos apenas três níveis de cidades que compõem uma rede urbana (cidade local, intermediária e metrópole) podemos inferir na possibilidade de cada aglomeração atuar respectivamente em funções diferentes, simultâneas e possuindo duas áreas de influência com alcance espacial mínimo e máximo.

Para Corrêa (1996) é importante observar as especializações funcionais de cada centro na hierarquia urbana, pois apenas sua posição não é suficiente para caracterizar e definir sua relevância na rede de cidades. Cada centro vai atuar em duas redes “[...] uma é constituída por lugares centrais e na qual centro tem uma posição (metrópole, capital regional, centro sub-regional, centro de zona, centro local) e outra menos sistemática e mais irregular”.

São feitas muitas críticas a teoria das localidades centrais, principalmente, quando se considera as mudanças no espaço geográfico e as exigências do período atual não demonstram uma perspectiva de flexibilidade entre os centros urbanos. Segundo Oliveira (2005) esta teoria “[...] não leva em consideração uma série de serviços especializados, que foram sendo desenvolvidos após sua elaboração e, por isso mesmo, eles não estão presos num modelo de hierarquia urbana estratificado, [...]”. As críticas realizadas não tiram a validade da teoria, pois não há necessidade de ficar preso a uma rede, criando-se um novo formato flexibilizado no qual as particularidades da teoria encontram-se presentes nos centros urbanos. É possível identificá-los desde as relações de distribuição regional até o modelo de rede dendrítica, na qual a cidade pólo reúne as funções principais da sua hinterlândia formando uma hierarquia rígida.

Outros argumentos podem ser considerados para demonstrar que a teoria de localidades centrais não está ultrapassada. O que se tem, em relação a esta, são novas funções e estruturas, no atual momento representam os interesses socioeconômicos de dadas sociedades. O processo de mundialização não pressupõe a extinção de uma rede hierarquizada, ao contrário, torna possível maiores interações entre eles, como é o caso de cidades médias e pequenas onde tamanho, localização ou funcionalidade não são fatores de estagnação e extinção.

A cidade média deixa de ser um ponto intermediário entre centros maiores e menores para posicionar-se como local de produção e consumo de atividades produzidas regionalmente evidenciadas na rede na qual estiver inserida. Nesta perspectiva, a cidade média deixa de ser um dos pontos de uma determinada hierarquia urbana, pois passa a oferecer bens e serviços para cidades menores que não contam com essa oferta. Ou seja, temos uma reformulação da teoria das localidades centrais, onde a centralidade

continua, por conta da sua importância em relação a região pertencente, o que vai mudar é a rigidez dessas relações. Refletir sobre a função que as cidades desempenham no seu entorno é essencial para a compreensão da dinâmica com as outras cidades que compõem a rede urbana. Essas relações promovem especializações regionais, consolidando as redes de comércio, serviços, circulação, comunicação, entre outras.

A rede urbana brasileira – nos seus diferentes pontos – apresenta uma intensa transformação no que diz respeito ao consumo. É possível notar uma ligeira expansão, distinção e aprimoramento no consumo. O que antes só era vista e passível de aquisição em metrópoles ou grandes aglomerações urbanas. Segundo Melazzo (2012)

A difusão do comércio e dos serviços especializados responderia assim, não apenas aos determinantes mais recentes das macro transformações do capitalismo que privilegiam o consumo, sua ampliação e seus espaços específicos, mas também a particulares condições locais: as bases econômicas providenciadas pela indústria e a referência da cidade como local de consumo para a região, reforçando sua centralidade em face de uma rede urbana por ela comandada.

Esse autor entende que essa relação de consumo em determinados espaços pode ser analisada a partir da posição de cada centro dentro da hierarquia urbana. Segundo Melazzo, o estudo das Regiões de Influência das Cidades (REGIC), elaborado pelo IBGE, teve esse objetivo: “[...] identificar e classificar pontos da rede urbana brasileira em função de suas posições hierarquizadas [...]”.

Com base na discussão do autor e no material das Regiões de Influência das Cidades, Feira de Santana é classificada como capital regional B, nessa hierarquia tem apenas Salvador (metrópole) no nível superior, e sob sua influência estão dois centros de zona A - Conceição do Coité e Serrinha -, dois centros de zona B - Riachão do Jacuípe e Valente - e 42 centros locais, conforme Tabela 6.

Sua integração com a rede urbana brasileira é notória, numa posição de comando intermediário, uma vez que pertence a macrorregião da metrópole Salvador. Tem nestes 46 municípios a abrangência de 28.653,0 km² e 1.538,072 habitantes, entre outros municípios, que também procuram por Feira de Santana e não constam da lista acima. Podemos citar Anguera, Antonio Cardoso e Amélia Rodrigues, entre outros, que procuram por Feira de Santana para o atendimento de necessidades como educação, saúde e compras no atacado e varejo.

Caracteriza-se como centro de coleta e distribuição de bens e serviços, o que fica evidente quando analisada sua dinâmica econômica e populacional, destacando-se entre os demais e classificando-o como capital regional. O incremento econômico promovido pelo comércio associado a ampliação nas comunicações, circulação e logística colaboraram para a consolidação do município na região. Segundo Silva et al. (1985) ao analisarem Feira de Santana, baseados na teoria das localidades centrais, concluíram que esta pode ser classificada como um centro regional. Além de possuir os fatores adequados à localização das atividades econômicas apresenta alta capacidade de atração populacional. A consolidação de suas

atividades econômicas promovera também uma projeção nacional e sua inserção na rede urbana brasileira, como escreve Freitas (1998) “O intercâmbio das atividades econômicas incentiva o crescimento local e este com vinculação ao restante do país”.

Tabela 6. Área e População dos Municípios de Influência de Feira de Santana (BA) 2010 e Estimada para 2013. Fonte: IBGE. Cidades, 2014. Organizado por Teles (2015).

Classificação do Município	Área	População 2010	População Estimada 2013
Capital Regional B			
Feira de Santana	1.337,90	556.642	606.139
Centro de Zona A			
Conceição do Coité	1.016,00	62.040	67.126
Serrinha	624,2	76.762	82.157
Centro de Zona B			
Riachão do Jacuípe	1.190,10	33.172	35.237
Valente	384,3	24.560	27.162
Centros Locais			
Água Fria	661,8	15.731	16.871
Araci	1.556,10	51.651	55.655
Baixa Grande	946,6	20.060	21.174
Barrocas	201,9	14.191	15.470
Conceição da Feira	162,9	20.391	22.226
Conceição do Jacuípe	117,5	30.123	32.761
Coração de Maria	348,1	22.401	23.314
Ichu	127,6	5.255	6.265
Ipecaetá	369,8	15.331	15.753
Ipirá	3.060,20	59.343	62.253
Irará	278,1	27.466	29.579
Itatim	583,4	14.522	14.700

Macajuba	650,3	11.229	11.835
Mairi	952,6	19.326	20.194
Milagres	284,3	10.306	11.569
Nova Fátima	349,8	7.602	8.083
Nova Itarana	470,4	7.435	8.058
Ouriçangas	155,1	8.298	8.804
Pintadas	545,6	10.342	10.798
Rafael Jambeiro	207,6	22.874	24.258
Retirolândia	181,4	12.055	13.092
Santa Bárbara	345,6	19.064	20.509
Santanópolis	230,8	8.776	9.370
Santa Teresinha	707,2	9.648	10.423

A espacialização de atividades como comércio e serviços é o destaque entre os processos espaciais que articulam e compõem sua história. A cidade representa um espaço geográfico com transformações promovidas pelo capital nas diversas escalas e com a particularidade de concentrar pessoas, mercadorias e fluxos. Lefebvre (1991) destaca essa posição quando escreve: “A cidade atrai para si tudo o que nasce da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações”.

A organização e consolidação do centro comercial de Feira de Santana materializa-se através de relações que se combinam e se transformam numa dinâmica tão intensa quanto contínua, sua complexidade demanda uma sucessiva apreensão da cidade. Villaça (2001) destaca o espaço intra-urbano, como sua funcionalidade e organização ocorre com base no deslocamento humano formando uma intensa e constante rede de comunicação e circulação, torna-se portador de mercadoria e informação, segundo o autor esse espaço

[...] é estruturado fundamentalmente pelas condições de deslocamento do ser humano, seja enquanto portador da mercadoria força de trabalho – como no deslocamento casa/trabalho, deslocamento casa-compras, casa-lazer, escola, etc. Exatamente daí vem, por exemplo, o enorme poder estruturador intra-urbano das áreas comerciais e de serviços, a começar pelo próprio centro urbano.

A complexidade da área central é visível ao se observar sua conformação, uma vez que revela o modo como o espaço público é utilizado por camelôs e ambulantes. As modificações na área central e o

aquecimento da economia informal refletem os processos socioespaciais que modificam a configuração. Colaboram para a dinâmica na ocupação funcional do centro comercial de Feira de Santana consolidando a popularização da área central através do comércio e serviços ofertados nas principais ruas e avenidas.

A intenção de desocupar as vias públicas não é recente, na década de 1970 a Prefeitura Municipal contratou a empresa Projetos e Assessoria do Nordeste (PRANE). Seu objetivo era elaborar um projeto de transferência da feira livre, denominado de Projeto Cabana – que ocupava o centro da cidade – para um espaço com infraestrutura adequada e ordenamento do seu uso. A Prefeitura Municipal propõe agora algo bem próximo, com a transferência dos camelôs para o Centro Comercial Popular. Segundo o Projeto Cabana da Prefeitura Municipal de Feira de Santana (1974)

Paralelo à expansão urbana ocorreu o agigantamento da feira tradicional [...] Ademais o local da feira está inserido no centro comercial da cidade, com ramificações cada vez maiores no sentido das áreas residenciais, acarretando portanto o estrangulamento progressivo de outras importantes atividades e serviços urbanos.

Em muitas cidades as transformações econômicas - com destaque para a década de 1980 – vão promover uma mudança na dinâmica urbana. Os centros perdem seus status devido ao grande fluxo de carros e pedestres, poluição visual e atmosférica, além da elevação na violência. Em Feira de Santana, cada metro quadrado do centro continua valorizado e disputado por camelôs e lojistas formais que não abrem mão de suas atividades nessa parte da cidade. Para Freitas (1998) “[...] o comércio é tradicionalmente a principal atividade econômica feirense. As atividades industriais existentes desde o século passado não conseguem se sobrepor às atividades comerciais”.

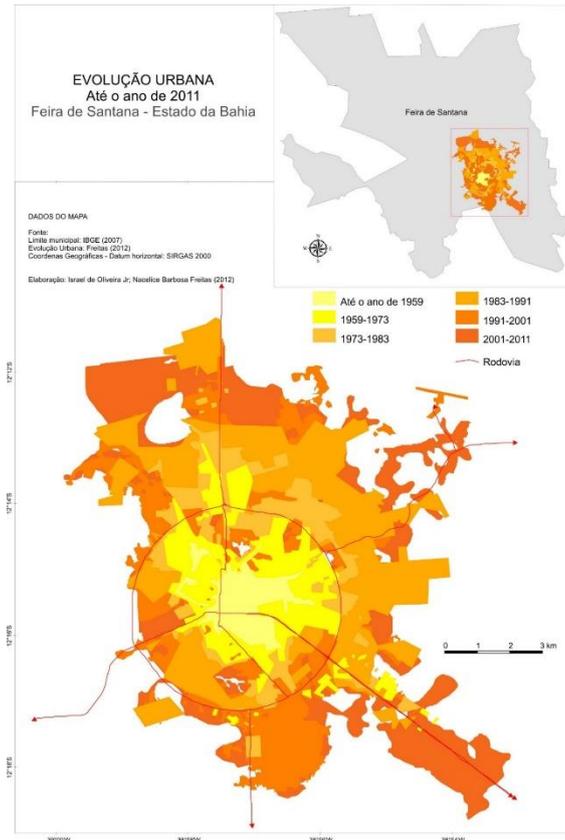
A inserção das cidades num modelo global é um processo recorrente entre as diversas administrações públicas no Brasil, nos seus diversos níveis. Sempre a cidade está sendo pensada e ajustada a modelos exógenos, basta lembrarmos o projeto de modernização para o Brasil, de forma geral, e suas repercussões nas cidades. A cidade muitas vezes é vista por seus gestores e demais interessados como uma forma de produzir riquezas e promovem uma corrida em busca de investimentos como se a cidade fosse lugar exclusivo do capital. Esse cenário tem como consequência o conflito por parte daqueles que se veem excluídos desse projeto. As mudanças estruturais promovidas pela atividade comercial reconfiguram o espaço urbano do centro da cidade, como escreve Freitas (1998):

A expansão do comércio faz com que edificações com fins habitacionais sejam substituídas por edificações com fins comerciais, principalmente nas Avenidas Getúlio Vargas, Senhor dos Passos, Rua Visconde do Rio Branco e adjacências, devido a estrutura linear e a largura que estas possuem.

O discurso de organizar o centro da cidade não é recente, desde a década de 1970 são pensados meios de definir novos espaços de comércio em substituição a via pública. Assim, é construído o Centro de Abastecimento, para comportar a feira livre que ocupa as principais ruas e avenidas, dando uma suposta aparência de atraso e desorganização a cidade. Araujo e Silva (2003) escreveram:

[...] percebemos a grande importância da construção do Centro de Abastecimento **na visão dos envolvidos na questão** (grifo nosso), não só no sentido de organizar o centro urbano como para definir novos espaços de comércio em substituição a feira livre que não cabiam mais no Mercado Municipal e não podiam mais continuar ocupando as principais vias urbanas da cidade. É com esta intenção que é construído o Centro de Abastecimento.

O mapa 11 representa todo esse cenário de evolução pelo qual Feira de Santana passou desde sua formação territorial. O espaço de expansão urbana, no intervalo 2001-2011 demonstra sua expansão mais que superando os limites do anel rodoviário idealizado entre 1950-60 e a consolidação das rodovias estaduais e federais como vetores de expansão da cidade.



Mapa 11. Evolução urbana de Feira de Santana até 2011. Fonte: Oliveira Jr e Freitas (2012).

A ATIVIDADE COMERCIAL E SUA INFLUÊNCIA REGIONAL

Há muito tempo o homem realiza trocas entre diferentes agrupamentos. Definidas como escambo, essas primeiras trocas marcam o início da atividade comercial como conhecemos hoje. Passaram por um processo de aprimoramento devido a dinâmica da compra e venda, bem como, ao alcance e diversidade de produtos a serem comercializados.

As dificuldades surgidas para se efetivar uma troca justa entre os produtos deram oportunidade a inserção de objetos com valor de troca. O sal, por exemplo, foi um dos primeiros utilizados, sendo

substituído pela moeda que proporcionou uma ampliação devido sua praticidade impulsionando a atividade de troca.

A literatura não define com exatidão período, localização ou povo que iniciou as relações de troca. O que todos concordam é que a prática do escambo começa com os grupos primitivos. Ao enxergarem no seu excedente a possibilidade de adquirir algo que não possuíam ou necessitavam, fosse outro tipo de alimento, utensílio ou mesmo armamento.

Essa situação vai se aprimorando na medida em que o homem vai ganhando conhecimento, elevando e especializando sua capacidade de produzir. Principalmente quando começa a aumentar seu poder de manipulação em relação a natureza. Pintaudi (2007) argumenta:

[...] as formas comerciais são, antes de mais nada, formas sociais; são as relações sociais que produzem as formas que, ao mesmo tempo, ensejam relações sociais. Analisar as formas comerciais, que são formas sociais históricas, permite-nos a verificação das diferenças presentes no conjunto urbano, o entendimento das distorções que se delineiam entre espaços sociais. Em suma, coletivamente, as formas comerciais dão ensejo à análise das diferenças.

As mudanças socioespaciais fundamentais para promover a revolução técnico-científica-informacional foram promovidas através de expressiva elevação na articulação inter-regional, indispensável à reprodução do capital em nível nacional e internacional. No Brasil, o alargamento dessa articulação acelerou a divisão territorial do trabalho, colaborando para uma elevação na complexidade da rede urbana nacional.

Um conjunto de transformações promoveram mudanças aceleradas e notáveis na estrutura das atividades comerciais. Podemos citar, a expansão do espaço urbano como um todo, a popularização dos meios de transporte público, principalmente particular, a crescente participação da mulher no mercado de trabalho remunerado, a elevação do consumo por classes menos favorecidas, a fabricação de produtos cada vez mais variados, o apelo dos meios de comunicação para a satisfação pessoal através do consumo.

Essas são algumas características que compõem as novas formas de consumo e determinam acentuadas mudanças nas estruturas de produção repercutindo de forma latente na atividade comercial. Sua relevância se fez de tal modo que cidades como Feira de Santana estendem sua influência não só para sua microrregião de fato como consegue polarizar municípios bem mais distantes, até mesmo de outros estados. Segundo Beaujeu-Garnier (1980) “[...] a situação do comércio nas cidades não pode ser dissociada das características do ambiente geral, nem da estrutura particular da aglomeração.

Por todo o século XX, o processo de urbanização ganha expressiva intensidade. Uma das consequências foi a visibilidade do comércio de rua no centro comercial da cidade de Feira de Santana. Além disso, comprova-se o real dinamismo desse comércio numa escala regional.

O fundamental nesse pensamento é compreender que Feira de Santana vai adquirir relevância regional como núcleo urbano. Concentra a produção primária e secundária de diversos lugares oferecendo

a essa hinterlândia serviços e produtos não encontrados em centros menores. Seu papel é de intermediação na rede urbana, oferecendo para essa região serviços e produtos e concentrando capital. A diversidade de estabelecimentos comerciais e a atração populacional para realização de compras em atacado e varejo confirmam sua centralidade num contexto regional conferindo à cidade uma posição de destaque na estrutura da rede urbana baiana.

O cenário analisado permite identificar as transformações ocorridas no estado da Bahia e sua repercussão na região estudada. Para Silva e Silva (2006) por um longo período a economia baiana concentrou-se na região metropolitana de Salvador. A partir da década de 1980, essa estrutura passa por mudanças resultantes de ajustes diferenciados entre fatores endógenos e exógenos que repercutem no seu crescimento econômico. Resultado das transformações na produção econômica numa escala global e com repercussões regionais e locais. Segundo Elias (2005)

Com a expansão dos sistemas de objetos voltados a dotar o território de fluidez para os investimentos econômicos, os fatores locacionais clássicos são redimensionados, ocorrendo uma verdadeira dispersão espacial da produção, acirrando a divisão social e territorial do trabalho e as trocas intersetoriais, resultando em diferentes arranjos produtivos em todo país, tanto no campo como nas cidades.

Feira de Santana consolida-se como uma das cidades brasileiras incluídas no circuito de produção e comercialização desde o nível local até o internacional. O comércio – sua principal atividade econômica – promove novos papéis na divisão territorial do trabalho. Em particular numa escala intraurbana, conduzindo a relevantes transformações socioespaciais. Na sua área de influência consolida-se como parte dos circuitos espaciais produtivos. Dentre os setores de atividade econômicas destaca-se o comércio e serviços, seguido pela indústria de transformação e administração pública (Tabela 7).

Tabela 7. Pessoal ocupado no mercado de trabalho por setor de atividade econômica em Feira de Santana – 2005-2010. Fonte: SEI, 2010 e 2013. Adaptado pela autora, 2016.

Setor de atividade	2005	2008	2010
Administração Pública	7.995	5.973	6.995
Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca	1.529	1.128	1.190
Comércio	22.951	29.009	33.220
Construção civil	3.401	5.834	11.302
Indústria de transformação	13.197	16.786	19.905
Serviços	18.065	23.792	30.260

Das atividades presentes na cidade de Feira de Santana o comércio é o mais antigo. Passando por um processo de requalificação urbana na década de 1970 promovida pela Prefeitura Municipal, resultando na retirada dos comerciantes de rua para o espaço do Centro de Abastecimento. Podemos considerar como o primeiro ordenamento espacial intraurbano da cidade e nos sentidos atuais pode ser definido como um camelódromo.

A situação econômica brasileira, em diferentes períodos da história, apresenta o comércio de rua como uma dupla alternativa, o lugar de trabalho para aquele sem outra oportunidade e o de compra para quem enxerga uma condição favorável para obtenção do produto considerado necessário. Segundo Aguiar e Ortigosa (2012) na recente situação econômica, pode-se notar que a área central da cidade adquire um cenário permissivo a criação de espaços associados a ambulantes e camelôs. Ao se estabelecerem nesse espaço, conseqüentemente, entende-se que a dinâmica do centro comercial promove meios para que estas atividades ocorram. Para Dassoler (2009)

O comércio popular realizado por camelôs e ambulantes nas calçadas de maiores fluxos das cidades, principalmente das metrópoles do Terceiro Mundo, vem crescendo de forma significativa como uma afirmação frente às novas racionalidades criadas com a aceleração da vida contemporânea.

As formas de consumo demonstram – mediante reorganização espacial e econômica – ser um fator fundamental para o entendimento da dinâmica produtiva e dos dois circuitos da economia urbana tratados por Santos (2008). As transformações nos modelos de consumo não estão limitadas ao circuito superior, as classes de menor renda estão buscando produtos oriundos do circuito superior, mesmo que similares.

O comércio de rua desempenha um papel fundamental na organização das funções e formas urbanas. A dinâmica da estrutura produtiva tem passado por uma intensa modificação. Como consequência, não conseguiu realizar a incorporação da mão-de-obra disponível e criou um significativo espaço para a informalidade representada pelo comércio de rua.

Resultado da modernização na rede de comunicação e circulação vai possibilitar maior conexão entre lugares sem contigüidade espacial. É necessário destacar que essa conexão é desigual, pois obedece a lógica da reprodução do capital que é desigual e combinado (Dantas, 2005). Segundo Corrêa (1996 esse cenário de crescimento e ampliação na divisão territorial do trabalho e das articulações inter-regionais foi a base para a geração de uma rede urbana nacional de fato.

Ainda segundo Corrêa, sua complexidade e intensidade se devem as relações que já existiam e se ampliam em diferentes direções e regiões sem contigüidade, promovendo uma integração desigual. Esse cenário coloca Feira de Santana como parte de uma rede urbana que em nível nacional aparece fora de uma contigüidade, mas, ao mesmo tempo, com ampla articulação regional, principalmente, no que tange a rede de transportes e comércio.

As transformações no espaço urbano sucedidas especialmente em cidades de porte médio, como Feira de Santana, vêm alterar profundamente o uso do solo urbano dessas cidades, sobretudo quando associada ao seu desenvolvimento socioeconômico. Transformando-se como resultado da crescente população e das articulações do meio técnico-científico-informacional que agem modificando as estruturas físicas e organizacionais.

A atividade comercial em Feira de Santana firma-se como a de maior relevância entre os municípios de sua microrregião e das microrregiões vizinhas. Em especial, o comércio de rua, nos ramos de confecções, calçados e eletroeletrônicos que se alarga ocupando as áreas centrais da cidade. Mesmo com sucessivos projetos de ordenamento e relocação dessa atividade.

Segundo Brandão (2008) “A essência do comércio continua a mesma, desde sua origem: uma relação bilateral na qual o interesse na mercadoria aliado à viabilidade econômica estabelece uma relação de troca – a venda e a compra.” Para que esta relação se materialize, torna-se necessário um espaço concreto para que haja esse embate. É nesse sentido, que os espaços para comércio vão se localizar em pontos estratégicos, ocupando as principais vias de circulação.

O espaço urbano de Feira de Santana é marcado pela distribuição espacial das atividades econômicas. Constitui um conjunto de ações para uma frequente estruturação da cidade. Outro destaque está relacionado ao seu papel regional, atraindo diariamente um fluxo de pessoas dos mais diversos municípios. Consequência da centralidade exercida, em relação, principalmente, ao comércio cada vez mais diversificado, além da presença de outros setores especializados como saúde e educação. Segundo Santos (2014)

No caso de todas, trata-se de cidades médias que mudaram profundamente suas lógicas e papéis, algumas das quais consolidaram ainda mais a centralidade regional e, conseqüentemente, o poder que exercem sobre os municípios de sua hinterlândia.

O autor acima ainda destaca que as cidades médias conseguiram atrair equipamentos e vantagens associadas aos novos padrões produtivos. Com isso, elementos de caráter metropolitano estão presentes nestas cidades consolidando seu papel regional. Montenegro (2006) destaca que cidades grandes e médias apresentam uma disparidade quando verificadas as formas de trabalho. Em tempos de globalização concentram atividades modernas associadas a reestruturação produtiva consoante ao meio técnico-científico-informacional. Mas, também apresentam no seu espaço trabalhos com capitais reduzidos. A cidade então contém divisões de trabalho opostos, mas que coexistem, estabelecendo relações diferentes e simultâneas com seu espaço construído.

Ne escala intraurbana e regionais diferentes agentes econômicos promoveram mudanças na estruturação urbana de Feira de Santana. Observa-se a estruturação de uma rede urbana onde esta cidade

se destaca, ao polarizar as principais atividades econômicas da região, sua categoria em relação ao atendimento das demandas de atividades comerciais e serviços apresenta-se acrescida e fortalecida.

A atividade comercial contribui na produção de novas configurações regionais. Através dela interações espaciais são intensificadas, redes urbanas podem ser redefinidas e cidades mudarem de posição na hierarquia urbana. Além disso, se observarmos diferentes escalas geográficas, processos diferenciados podem impactar nessas transformações e nas suas estruturas internas. O crescimento econômico gerado pela atividade comercial impulsiona a produção e o consumo, no destaque ao pensamento de Freitas (1998)

A cidade de Feira de Santana, um centro de convergência regional, pela capacidade de concentração de uma maior quantidade de bens e serviços na região, com ascensão crescente do comércio e a presença de um centro industrial tem seu papel de comando na região, apoiados inicialmente na pecuária e hoje, nos setores secundário e terciário.

A heterogeneidade presente na atividade comercial revela a existência de singularidades na sua formação e estabelecimento. Há de se considerar a influência de processos amplos produzidos em escalas geográficas diversas e que aqui se deparam com suas particularidades.

Seu principal condicionante para a influência regional são as interações espaciais num alcance máximo e mínimo. Destacam-se suas relações regionais tanto com os municípios de seu entorno imediato quanto daqueles que estão fora de sua área de influência oficial. O papel de centro de consumo vem apresentando novas características no que diz respeito a variedade, qualidade e sofisticação de bens e serviços ofertados.

O papel regional de Feira de Santana atrai diariamente pessoas de municípios próximos e mais distantes. Sua centralidade relacionada ao consumo diversificado marca o espaço urbano e sua estruturação através do arranjo espacial das suas atividades econômicas. A presença de um comércio formal e informal se opõem, mas ao mesmo tempo se complementam. Atraem para o centro comercial lojas de portes diferenciados que disputam os clientes que por aí circulam e aos ambulantes e camelôs se aproveitam da organização historicamente estabelecida por ter sido a área central o espaço ocupado pela feira livre que comercializava toda sorte de produtos.

A atividade comercial, representada através do setor informal, no qual ambulantes e camelôs fazem parte, não são exclusivas de Feira de Santana. Contudo, representam um cenário particular na geração de renda, na absorção de uma mão-de-obra ociosa ou desempregada além das articulações de diferentes escalas geográficas com especial destaque para a intraurbana. É possível notar também a escala regional quando considerada seu alcance em relação as cidades vizinhas ou as mais distantes. No que se refere a reprodução socioeconômica nas cidades de hoje ratifica-se a racionalidade das mobilizações que produzem as relações sociais, mas também capitalistas, tanto locais como globais. Segundo Benko (1996)

A possibilidade de uma cidade exercer sua supremacia sobre os processos de valorização do capital depende da organização do seu setor industrial e comercial. A que consegue operar uma

concentração bastante significativa de poderio financeiro e de sedes de grandes empresas a fim de que as decisões tomadas por essas diferentes instâncias possam contribuir para o declínio ou a propriedade do setor industrial e comercial de outras cidades vê reconhecida sua posição de líder.

A complexidade, diversidade e sofisticação dos produtos ofertados contribuem para a difusão espacial do comércio. Essas características revelam as transformações atuais dentro do capitalismo que utilizam do consumo para sua ampliação e promoção em espaços específicos. A sua centralidade urbana é fortalecida quando considerada a cidade como local de consumo para a região, logo, reforça seu comando dentro da rede urbana estabelecida. Ao articular territorialmente os fluxos originados através da produção de pessoas, bens e serviços, em diferentes escalas, Feira de Santana materializa sua posição regional. Tais processos destacam-se num minucioso detalhamento das relações territoriais e espaciais concentrando na cidade funções de comando regional.

O comércio de rua em Feira de Santana representa as relações sociais, comerciais e culturais da cidade. Sua influência regional pode ser observada através da circulação de pessoas, se interrogadas sobre sua origem as respostas são as mais variadas. Desde os bairros da cidade, passando pelos municípios vizinhos e, surpreendendo, quando somos informados da presença de consumidores de cidades como Paulo Afonso, Xique-Xique, Irecê ou mesmo Jequié que possuem cidades polarizadoras de seus mercados.

Dentro do processo de globalização o comércio de rua em Feira de Santana não perde sua força, ao contrário, os meios de comunicação e circulação fortaleceram essa atividade ao permitir que mais pessoas tenham conhecimento e acessibilidade as mercadorias ofertadas. Torna-se o lugar que reúne pessoas em busca de um mesmo objetivo que é o consumo. Segundo Rolnik a troca de produtos reforça a capacidade de produção além de diversificar a especialização do trabalho intraurbano. No caso deste estudo, colabora com a manutenção de ambulantes e camelôs nas ruas de Feira de Santana.

Tudo isso se refere a um tipo de espaço que ao concentrar e aglomerar as pessoas intensifica as possibilidades de troca e colaboração entre os homens, potencializando sua capacidade produtiva. Isto ocorre através da divisão do trabalho. Isolado, cada indivíduo deve produzir tudo aquilo que necessita para sobreviver, quando há possibilidades de obter parte dos produtos necessários à sobrevivência através da troca, configura-se a especialização do trabalho no interior da cidade (Rolnik, 1988).

A relevância do comércio é evidente, mesmo com outras atividades compondo o quadro econômico da cidade, esse setor historicamente se mantém fortalecido e em constante crescimento. Segundo Poppino (1968) “As condições que favoreceram ao desenvolvimento, também trabalharam em favor de uma expansão comercial ulterior. Qualquer progresso na produção industrial acarretará como consequência um incremento nas atividades comerciais”.

No momento atual, ambulantes e camelôs, através de suas atividades, representam novas formas e usos que se materializam no espaço urbano. Sua presença na composição desse cenário é concreta não

sendo possível excluí-los da dinâmica presente no espaço. Além disso, o desenvolvimento das atividades, por parte desses, promovem a criação de estratégias comerciais singulares.

DINAMISMO DA ATIVIDADE COMERCIAL NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE

A complexidade do comércio informal no centro da cidade é resultado de suas características singulares. Considerando os elementos que participam de sua organização tem-se um cenário composto de pessoas, estruturas e dinâmicas que possibilitam esse labor. A área central é o lugar principal para a produção e reprodução das diversas relações sociais, espaciais e territoriais.

Os modos de comércio associados as estratégias locacionais colaboram para a manutenção tanto dessa produção como para a reprodução do capital. Segundo Aguiar e Ortigosa (2012) “[...] a dinâmica da (re)produção do espaço e as relações sociais imbricadas pela lógica capitalista assume o papel que desencadeia novas e/ou velhas formas espaciais com novos/velhos usos, o que pode significar novas/velhas formas comerciais.”

Os centros urbanos carregam uma tradição histórica e cultural no qual as atividades comerciais refletem na organização desse espaço. Pertinentes ao fluxo e a dinâmica que dão uma configuração local, mesmo com suas especificidades, ocupam principalmente as áreas centrais das cidades. Para Corrêa (2000) deve-se considerar a estrutura organizacional do comércio varejista como “[...] um conjunto de características que dizem respeito, de um lado, a organização comercial em setor formal e informal e de outro, a organização do comércio em rede.”

A estruturação do comércio informal, a reprodução e apropriação dos espaços são marcadas principalmente pela intensidade dos fluxos estabelecendo uma nova dinâmica. O uso do espaço urbano e de sua área central apresenta uma disputa cada vez mais acirrada como resultado do desemprego. A atividade comercial atua consideravelmente na organização espacial. A ação dos agentes que a promovem é complexa e varia de acordo a espacialidade e a temporalidade analisada, uma vez que reflete a dinâmica social considerada.

Com a consolidação da circulação e comunicação as possibilidades de contato se tornaram praticamente totais. Essas promoveram uma integração e quase instantaneidade entre os lugares. Essa realidade trouxe outra possibilidade de realização de troca com um mercado distante. Provocou uma quebra de isolamento produtivo bem como uma oferta extremamente variada, como escreve Santos (2006):

Com a ampliação do comércio produz-se uma interdependência crescente entre sociedades até então relativamente isoladas, cresce o número de objetos e valores de trocas, as próprias trocas estimulam a diversificação e o aumento de volume de uma produção destinada a um consumo longínquo.

Essa produção pode ter sua comercialização realizada através de dois segmentos distintos dentro da mesma economia. O mesmo autor, em outra obra, define como circuito superior e inferior da economia urbana. Segundo Santos (2008), no circuito superior encontra-se as atividades ligadas diretamente ao capital intensivo enquanto no circuito inferior: “[...] é constituído essencialmente por formas de fabricação não-capital intensivo, pelos serviços não-modernos fornecidos ‘a varejo’ e pelo comércio não-moderno e de pequena dimensão”.

O comércio permite uma dinâmica organizacional que tem como consequência uma intensa acumulação de capital que se molda as estruturas necessárias à sua própria reprodução e ampliação. As constantes transformações nos modos de produção e nas relações de trabalho repercutem diretamente na operacionalização dessa atividade. O comércio informal em Feira de Santana representa parte significativa na organização espacial da cidade. Originado a partir da feira livre, reestrutura-se continuamente e mantém posição de destaque entre as atividades econômicas.

Na cidade de Feira de Santana, percebemos a reafirmação da centralidade intra-urbana. Mesmo a área central tendo alcançado seu nível máximo, as relações entre o comércio formal e informal demonstram uma complexidade no uso (Corrêa, 1993). A formação de uma territorialidade específica também caracteriza esse espaço como esclarecem Aguiar e Ortigosa (2009) “[...] o comércio informal articulado e atrelado às funções do centro como expressão de novos espaços de consumo frente à popularização e generalização dos produtos, reafirmando e restabelecendo a centralidade intra-urbana.”

O centro comercial popular é a representação do comércio informal que procura se firmar diante da atividade dos camelôs. Atuam nas principais ruas e avenidas da cidade, voltado principalmente para a população de menor poder aquisitivo. Verifica-se a intensa circulação de pessoas e o desenvolvimento de atividades comerciais constantes. Isso faz com que o centro continue com seu valor simbólico e não se descaracterize enquanto ponto de referência para a população local, e principalmente, para a de outros municípios. Segundo Montessoro (2006):

[...] a rua como um espaço que também atende ao consumo, pois esta era vista apenas como um lugar de passagem que foi sendo transformado de acordo com as mudanças na economia do país que por sua vez também podem ser associadas às transformações econômicas globais [...].

A diversificação das atividades e o estabelecimento de fluxos promoveram a consolidação de uma centralidade urbana. Como consequência, os vários usos que se constituíram no centro o desenvolveram dando-lhe forma e conteúdo.

O centro da cidade de Feira de Santana é marcado pela preponderância da atividade comercial que a dinamiza por representar um forte comércio popular. O surgimento de novas centralidades associa-se ao processo de expansão urbana da cidade. Esta área deixou de ser o local de residência das elites e se especializou na função comercial. Segundo o IBGE, no Censo Demográfico, a cidade de Feira de Santana,

no ano de 2010, haviam 554.556 moradores em domicílios particulares permanentes. A cidade apresenta uma divisão em 44 bairros. No centro esse número era de 11.238 moradores, o que equivale a 2,03% da população da cidade. O bairro Aeroporto possuía a menor quantidade de moradores em domicílios, 648 pessoas. O mais populoso é o bairro Tomba com 54.924 pessoas. Com histórico de mais antigo e populoso tem centralidade e dinâmica própria. Na tabela 8 aparecem 20 dos 44 bairros da cidade, selecionamos aqueles que apresentam mais de 10 mil habitantes, além do bairro Aeroporto com a menor população, naquele período.

Tabela 8. Moradores em domicílios particulares permanentes (pessoas) em bairros de Feira de Santana – BA – 2010. Fonte: SIDRA/IBGE. Demográfico e Contagem da População, 2015. Organizado por Teles (2016).

Bairros	Nº de Pessoas	% em relação a população da cidade
Aeroporto	648	0,11
Aviário	11.516	2,07
Brasília	20.920	3,77
Calumbi	19.812	3,57
Campo Limpo	46.967	8,47
CASEB	10.971	1,98
Centro	11.238	2,03
Conceição	21.632	3,90
Gabriela	17.608	3,17
Jardim Cruzeiro	14.677	2,65
Lagoa Grande	12.206	2,20
Mangabeira	20.740	3,74
Muchila	22.480	4,05
Parque Ipê	16.457	2,97
Pedra do Descanso	11.122	2,00
Queimadinha	19.172	3,46

Rua Nova	13.070	2,36
Santa Mônica	11.457	2,07
São João	10.198	1,84
Tomba	54.924	9,90

A tradição da feira livre que marcou a ocupação das ruas se transformou no comércio informal tomando as calçadas das principais ruas e avenidas do centro comercial. Quanto ao comércio informal, nas vias públicas da cidade de Feira de Santana, percebemos sua concomitância com a centralidade urbana. Demonstra as articulações presentes nas diversas partes do espaço urbano e destaca-se pelas relações de concorrência e complementaridade existentes. Estas áreas formam um espaço de atração e expressam as centralidades que se apresentam de formas múltiplas numa mesma cidade. Estas áreas centrais devem ser consideradas a partir de fluxos de capitais, transportes, e no caso deste estudo, de pessoas e mercadorias.

A expansão urbana de Feira de Santana leva a modificações na forma de uso da cidade e colabora para a análise sobre o comércio informal na sua área central. Esse processo revela a existência de articulações entre as diversas partes da cidade e desta com outras, numa complexidade repleta de conflitos intra e intermunicipais.

Pode-se visualizar o padrão de localizações das atividades comerciais em Feira de Santana. Percebida a partir da sua distribuição espacial, observa-se a aglomeração dessas atividades na área central. Ao mesmo tempo, novas centralidades se consolidam em outros espaços da cidade, como os bairros Tomba, Cidade Nova, Sobradinho e Coronel José Pinto (neste está localizado o Shopping Boulevard), como destaca Pintaudi (2007):

Sobre a centralidade, conquanto se afigure um princípio constitutivo no plano do espaço urbano, é preciso destacar, incessantemente, que a troca de produtos sempre esteve associada a ela. Os lugares escolhidos para a troca de produtos comumente implicaram situações estratégicas. Em outras palavras, a atividade comercial sempre demandou centralidade, o que também significa dizer acessibilidade. Por sua vez, a centralidade também significou um tempo determinado.

A propagação do meio técnico-científico-informacional pelo território brasileiro auxiliou na maximização do uso do espaço urbano bem como aprimorou as funções desempenhadas pelas cidades. Como consequência, tem-se a formação de novas centralidades, que por sua vez, institucionalizam economias de aglomeração relativamente recentes. O período da globalização confirma uma intensidade no fluxo de pessoas, mercadorias e informação indicando a atração de um contingente de imigrantes. Provoca uma aceleração no crescimento de cidades médias, consequência da notoriedade a elas atribuídas por conta de seus desempenhos econômicos.

A discussão realizada até aqui demonstra a presença de uma dinâmica que ao mesmo tempo se opõe e complementa. Atrai para o centro uma série de atividades comerciais formais e informais, que disputam um espaço historicamente construído e espacialmente consolidado. São exemplos, as avenidas Senhor dos Passos e Getúlio Vargas, bem como as ruas Marechal Deodoro e Sales Barbosa. A expansão do papel exercido pelo consumo, destacando o comércio informal demonstra a atuação de fortes centralidades de Feira de Santana, tanto na escala interurbana como intraurbana.

Durante a pesquisa de campo obteve-se a informação da existência de uma articulação entre o comércio de rua e as lojas presentes nos logradouros pesquisados. A informação cedida por camelôs que solicitaram o total anonimato refere-se a situação de muitos lojistas possuírem barracas nas calçadas. Muitos deles estabelecem um comércio de rua em frente às suas lojas montando barracas idênticas as dos camelôs para exibir e comercializar suas mercadorias como se fossem parte desse segmento.

Quando observadas as barracas não é possível diferenciar qual faz parte do comércio de rua e qual pertence aos lojistas. Alguns camelôs criticaram essa situação, pois os mesmos lojistas que brigam para que os camelôs saiam das ruas são os que colocam barracas para fazer concorrência. Já alguns lojistas que aceitaram falar do assunto, também sob a garantia do anonimato e de não identificar seu comércio, alegam que foi a forma que conseguiram para tentar obter algum lucro. Para estes, a concorrência com os camelôs fixados nas frentes de suas lojas é totalmente desleal, a começar pelo pagamento dos impostos e passando pela fiscalização que são constantes enquanto os camelôs estão totalmente livres.

Feira de Santana passou por um processo de expansão urbana nas últimas décadas. Relembrando os mapas do capítulo 2, pode-se notar a ocupação imobiliária em praticamente todas as direções. Mesmo assim, suas principais atividades estão concentradas no centro. E nesse disputado espaço, o comércio informal se instala, ou se transforma, considerando a feira livre que existiu até meados da década de 1970. Demonstra que embora o surgimento de subcentros, com diversas atividades que também estão presentes no centro – inclusive ambulantes e camelôs – a cidade ainda se configura monocêntrica. É nesse espaço central onde as atividades importantes estão concentradas com destaque para os bancos e clínicas especializadas.

A primeira tentativa de organização do centro da cidade ocorre entre meados da década de 1960 e 70, quando é criado o Centro de Abastecimento e a feira livre que acontece no centro da cidade é transferida para este espaço. Com o passar do tempo, os comerciantes pouco a pouco foram ocupando as calçadas novamente. Com a alegação de não conseguir se adaptar ou a clientela não ter acompanhado para os novos espaços. Realidade vivenciada em locais como Fortaleza, segundo Dantas (2005): “Por tratar-se de atividade nutrida exclusivamente do fluxo contínuo e maciço de pedestres, não foi de se estranhar seu retorno ao Centro, apesar das pressões contrárias e de continuidade da utilização da violência pelo rapa (Guarda Municipal)”.

Feira de Santana centraliza diversos serviços não encontrados em outras cidades da região, fatores que acabam produzindo fluxos de capital e pessoas. A partir disso, novas funções e atividades vão se desenvolvendo na cidade, promovendo uma dinâmica urbana não verificada em períodos anteriores. Segundo Pintaudi (2007) “[...] entendemos que a análise do comércio permite uma melhor compreensão do espaço urbano, na medida em que comércio e cidade são elementos indissociáveis, como podemos comprovar historicamente.”

A dinâmica espacial de ruas e avenidas apresenta um relevante modo de interação tanto espacial quanto regional. Sua economia a coloca numa posição de nó numa rede logística, com distribuição de bens para um número considerável de municípios. Atingindo, inclusive, outros estados, como Sergipe, onde constatamos a presença de consumidores adquirindo produtos no atacado para revenda no comércio daquele Estado ou Espírito Santo, como divulgado em jornal de circulação estadual (Campos, 2010).

Diversos fatores colaboraram para a consolidação da área central como centro comercial. A feira livre, num primeiro momento, e o comércio – tanto formal quanto informal – favoreceu a manifestação da centralidade para padrões de consumo diferenciados. É necessário lembrar que a dinâmica adquirida pelas relações socioeconômicas são consequência da concentração de equipamentos, atividades ou serviços. Estes aparecem inseridos na lógica capitalista e presentes na cidade, reconhecida como espaço de produção, circulação e consumo. Tais características reafirmam o centro como espaço mais importante para a atuação dos camelôs. Durante a pesquisa de campo, um dos itens perguntados referia-se ao motivo de escolher aquele local para trabalhar. A maioria respondeu com argumentos muito similares ao depoimento a seguir.

Aquí, toda hora tem gente passando, antes da senhora chegar vendi uma mercadoria para um cliente que veio ao médico, aqui no centro médico. Como o médico ia demorar, resolveu dar uma volta, viu a panela, lembrou que tava precisando e o preço tava bom, comprou.... (Entrevistado, 2015).

Nos primeiros meses após a abertura do Shopping Boulevard, em 1999, o centro comercial sofre um impacto nas vendas, mas retoma suas atividades de tal modo que lojas âncoras do shopping vão abrir filiais no centro comercial da cidade em busca desses consumidores que por aí circulam. Redes de lojas de confecções, departamentos, eletrodomésticos e outros como C&A, Marisa, Riachuelo, Americanas, Casas Bahia, Magazine Luiza estabeleceram pontos de venda nas ruas que pesquisamos. O fator preponderante para tal fato seja o fluxo populacional presente nestes logradouros e percebido por seus funcionários. Figuras 7 e 8.



Figuras 7. Lojas de porte nacional no centro comercial de Feira de Santana. Fonte: Pesquisa de campo, 2014.



Figuras 8. Lojas de porte nacional no centro comercial de Feira de Santana. Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

A iniciativa privada também tem participação fundamental na manutenção da dinâmica do centro comercial da cidade de Feira de Santana. Ao se instalar nesse espaço e disputar a clientela, representa um pilar na economia local. Influencia de forma direta no mercado de trabalho através dos postos de trabalho diretos que são criados. Também demonstra sua relevância na composição do setor terciário, tanto em ocupação quanto em circulação de capital.

No centro comercial de Feira de Santana concentram-se as principais atividades econômicas da cidade, em especial, o comércio e serviços. Como atrai um número significativo de pessoas, moradores locais e de outros municípios, essa realidade favorece o estabelecimento de uma atividade paralela nas calçadas, o comércio de rua.

A PMFS vai incorporar o discurso capitalista e promover na sua área central a discussão proposta por Corrêa (1993). Teremos na prática, os elementos discutidos por este autor em relação a produção do espaço urbano. Os proprietários dos meios de produção através dos grandes proprietários

industriais e empresas comerciais vão fazer da terra urbana o suporte físico necessário às suas necessidades. Enquanto os proprietários fundiários vão em busca de obter uma maior renda da terra através do valor de troca.

Para isso, uma série de promotores imobiliários vai aparecer no intuito de realizar incorporação, financiamento, estudo técnico, construção e comercialização. Nesta perspectiva, se utilizam do Estado – de forma complexa e variável – atuando em dado momento, colaborando para que cada agente tenha seus interesses contemplados. O que temos visto através de pesquisas realizadas é que a alternativa que se apresenta são as organizações de camelódromos ou shoppings populares.

As mudanças na área central associadas ao crescimento da economia informal são o reflexo dos processos socioespaciais que modificaram sua reprodução interna e a dinâmica no modelo de funcionamento, além disso, o perfil dos consumidores desse espaço também sofreu alteração numa significativa popularização da área central em vários sentidos.

A figura do camelô representado, sobretudo, pelas atividades de comércio e serviços informais tem se expandido em grande proporção, especialmente pela situação de desemprego que afeta principalmente aqueles com menor qualificação. Com isso, a repercussão na dinâmica das áreas centrais das cidades é impactante. A circulação de pessoas e veículos nessa área privilegia o estabelecimento do comércio informal, uma vez que são os ambientes preferenciais na passagem de consumidores em potencial. Como escreve Garcez (2009) “[...] a cidade [...] um espaço geográfico transformado pelo capital, que agrega na contemporaneidade a complexidade das interações dos processos sociais gerados em todas as escalas, concentrando espacialmente pessoas.”

Retomando a discussão de Christaller, Feira de Santana se apresenta como um lugar central. É comprovada sua relevância na distribuição de produtos e serviços, uma vez que compõe uma região na qual a hierarquia urbana está definida diante o conjunto de bens e serviços ofertados pelo setor terciário combinado ao seu desempenho e alcance espacial.

Feira de Santana se enquadra no modelo da Teoria de Localidades Centrais. Na estrutura e funcionamento do seu espaço urbano ocorre a maximização da distribuição espacial dos bens e serviços a baixo custo. A cidade atende um número máximo de consumidores de diversas localidades. Segundo Silva (1978) esta teoria tem grande contribuição para que se entenda a relevância nas atribuições da cidade quanto a espacialidade funcional da economia. Essa tarefa estaria voltada para a função urbana no que se refere a distribuição de bens e serviços, logo, fundamento da Teoria.

Christaller estabeleceu o alcance espacial máximo e mínimo, bem como o limiar para o funcionamento da hierarquia dos centros. Neste estudo, nota-se o alcance máximo quando identificamos pessoas de outras microrregiões, e mesmo de outros estados, em busca de Feira de Santana para comprar neste mercado. Em relação ao alcance espacial mínimo, observamos que muitos

vendedores também são consumidores, aqueles que trabalham principalmente no varejo, em especial os que estão com carro-de-mão ou cestos, compram dos comerciantes locais para revender. Desse modo, é visível a aplicação da Teoria de Localidades Centrais em áreas subdesenvolvidas.

As mudanças na estrutura socioeconômica também foram consideradas por Christaller. Contribuindo para atualizar componentes e processos que sistematizam uma dada rede de localidades centrais. O IBGE - através do REGIC – valida essa proposta, pois identificou que no Brasil atuam de forma paralela os dois tipos de sistema urbano.

Há regiões estabelecidas no entorno de centros urbanos configurando os sistemas de localidades centrais. Ao mesmo tempo, existem cidades componentes de um sistema reticular funcionando como um ponto de uma rede mundial. Feira de Santana se encaixa nas duas situações, portanto, é a cidade polarizadora de várias outras.

Se pensarmos no número de indivíduos que a procuram para consumir o que é comercializado aqui, tanto em atacado quanto em varejo, além de ser parte de um sistema reticular ao adquirir e distribuir produtos de várias partes do mundo. Segundo Dantas (2005) “Todo esse movimento, que vai ter como cerne o urbano enquanto modo de vida, está inserido no processo de definição e redefinição da centralidade no tempo, a qual vai ter como substrato o processo de explosão-implosão da cidade [...]”.

Faz-se necessário refletir sobre o centro urbano. Sua relevância aparece quando observada a centralidade exacerbada pelo seu uso. Sua expressão é passível de observação ao considerar o tipo de espaço ocupado. As atividades existentes, as funções e grupos sociais que terminam por funcionar no que se pode classificar de zoneamento devido a caracterização apresentar uma configuração mais ou menos próxima. Outra reflexão pertinente, trata da relação entre a estrutura urbana como um todo, da sociedade que se apropria e utiliza desse espaço e do sistema econômico que rege as leis de mercado.

A CONTRIBUIÇÃO DO SETOR INFORMAL NA CONSOLIDAÇÃO DO SETOR COMERCIAL

A discussão sobre economia informal apresenta relevância tanto nos meios de comunicação quanto no universo acadêmico nessa passagem do século XX para o século XXI. Para Cacciamali (2000), esse termo apresenta significados bem diferentes, como exemplifica: “[...] evasão e sonegação fiscais; terceirização; microempresas, comércio de rua ou ambulante; contratação ilegal de trabalhadores assalariados nativos ou migrantes, trabalho temporário, trabalho em domicílio, etc.” (Cacciamali, 2000).

O destaque para uma conceituação tão variada e distinta demonstra um fator em comum no pensamento das pessoas, ainda segundo Cacciamali “[...] são atividades, trabalhos e rendas realizadas desconsiderando regras expressas em lei ou em procedimentos usuais.” (2000).

Percebe-se as repetidas referências a esta temática atualmente. Demonstram os obstáculos que organizações, sociedades e mesmo cada indivíduo tem se deparado para transpor as alterações resultantes da reestruturação produtiva. Estas impactam não só na produção, mas também na economia, política e na sociedade civil. O argumento de Cacciamali refere-se as novas situações criadas por esta reestruturação.

Quanto a materialização do capitalismo, considerando suas características relativas aos países subdesenvolvidos – e em particular o Brasil – indica ser imprescindível tratar o processo de inclusão na economia numa escala global. Também se faz necessário compreender as particularidades do capital ao criar e recriar relações distintas aos seus sistemas. Segundo Dantas (2005)

[...] urge considerar esse processo a partir do que se convencionou chamar de lei do desenvolvimento desigual, que tornará possível compreender o porquê da reprodução da atividade do comércio ambulante nos países em via de desenvolvimento.

O fluxo e a dinâmica relacionados a estrutura local são voltadas para as atividades comerciais que repercutem na organização do espaço. Mesmo com suas particularidades, resultantes de fatores espaciais e temporais, carregam uma herança cultural, frequentemente observada em centros urbanos de pequeno e médio porte. A atividade dos camelôs e ambulantes foi delineada na cidade de forma análoga aos estabelecimentos comerciais, principalmente no centro da cidade onde disputam cada cliente como se este fosse o último.

Sua expansão pelas principais vias de circulação da população evidencia que existe procura por este tipo de comércio. Quase sempre estão em pontos estratégicos, mesmo se considerados impróprios. Para Pintaudi (2007) “[...] as formas comerciais são, antes de mais nada, formas sociais; são as relações sociais que produzem as formas que, ao mesmo tempo, ensejam relações sociais”.

Segundo dados da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2015) 51,1% da força de trabalho brasileira está concentrada na informalidade. Parte desses atuam no comércio de rua como ambulantes e camelôs, ocupando ruas, avenidas e praças, e excluídos dos direitos e também dos deveres trabalhistas. Considerando que não possuem carteira assinada, não tem direito a seguro-desemprego, auxílio-maternidade, auxílio-doença, aposentadoria ou outro benefício oferecido pelo INSS. Também não recolhem para os cofres nenhum tipo de tributo, o que vem chamando a atenção do governo que passa a criar meios de formalizar e ordenar o trabalho desse segmento. Com isso, ambulantes e camelôs passam a fazer parte da pauta institucional, da iniciativa privada, da mídia e da academia.

No caso dos ambulantes e camelôs de Feira de Santana, independente de trabalharem com produtos originais ou falsificados, sua presença nas principais ruas e avenidas do centro comercial promovem um grande impacto financeiro entre os lojistas. A comercialização de seus produtos estarem isentos de uma série de impostos. Circunstância que prejudica os lojistas que veem seus lucros diminuídos por essa atividade paralela e concorrente.

Periodicamente pressionam a prefeitura, a polícia militar, em especial o corpo de bombeiros, e a mídia contra esse ramo de atividade, relacionando a um problema social, de mal ordenamento do espaço público e um cenário negativo da economia brasileira. De fato, fogem às regras formais estabelecidas pelo poder público em seus níveis hierárquicos. Mas, a primeira premissa a ser considerada é o fato de que estão atuando nesse mercado em busca de sua sobrevivência (Cacciamali, 2000). Para Pamplona (2010)

Embora não se possa afirmar que a natureza do comércio de rua e seus efeitos sejam homogêneos e que sua existência seja simplesmente maléfica ou benéfica para as grandes cidades, pose-se sim afirmar que ele segue sobrevivendo ao longo dos séculos de mudanças econômicas e urbanas e que sua presença é um fenômeno socioeconômico muito importante no espaço das cidades.

No circuito inferior da economia urbana o universo de ocupações é bem mais amplo do que a existência de microempresas com pouco capital. Aqui estão inseridas diversas ocupações presentes no espaço urbano e de cunho tão precário quanto a ausência de capital, podemos citar os trabalhadores domésticos, os biscateiros, catadores de material reciclável e vendedores ambulantes.

Segundo Santos (2008) “os vendedores de rua constituem o nível inferior da pulverização do comércio, o último elo da cadeia de intermediários entre os importadores, industriais, atacadistas e os consumidores”. Esta ocupação apresenta uma particularidade essencial ao circuito inferior, sua habilidade em comportar cada vez mais indivíduos executando a etapa final da comercialização junto à população. O comércio de rua se estabelece como atividade peculiar do circuito inferior em expansão pelo Brasil.

A elevação do desemprego nas últimas décadas adquiriu um caráter estrutural, como consequência, houve uma multiplicação no número de indivíduos envolvidos no comércio de rua. Para Almeida (2000) no transcorrer da década compreendida entre os anos de 1985 a 1995 essa foi a atividade de maior expansão no Brasil, principalmente em cidades de grande porte. Como o IBGE, na sua pesquisa sobre a Economia Informal Urbana, não estuda essa variável, tem-se apenas estimativas. Ainda segundo Almeida, para o ano de 2000 acredita-se que cerca de 3 milhões de pessoas estivessem trabalhando nesse segmento no país. Segundo Pamplona (2010)

O setor informal representa uma forma de produzir caracterizada fundamentalmente pela existência do auto-emprego ou auto-ocupação. A unidade produtiva informal funciona para fundamentalmente garantir um emprego, e obviamente uma renda para seu proprietário, que

nela trabalhará diretamente e controlará seu próprio processo de trabalho. O negócio informal é antes de tudo uma forma de criar o próprio emprego do seu proprietário.

A concentração de ambulantes e camelôs em determinadas ruas e avenidas do centro comercial ocorrem seguindo uma lógica. Se estamos tratando de comércio de rua, e seu principal consumidor/cliente é o pedestre, logo, estes trabalhadores precisam estar onde seu público-alvo aparece em maior concentração. As ruas Marechal Deodoro, Sales Barbosa e Benjamin Constant, bem como a avenida Senhor dos Passos e Praça do Nordeste terão o maior agrupamento. Além disso, vivemos um período de exacerbação do consumo e quem não pode pagar por um produto original procura satisfazer seu desejo com produtos alternativos encontrados nesse tipo de comércio.

Em Feira de Santana o comércio representa um papel fundamental na expansão da economia e na produção do espaço urbano. Apresenta uma diversidade de fluxos populacionais, matérias-primas e mercadorias. A rodovia auxiliou na promoção uma dinâmica econômica para a cidade e região com benefícios verdadeiros para a economia local. Evidenciou a posição estratégica da cidade como relevante pólo convergente. Considerando o caminho das boiadas como a principal rota econômica e propulsora de uma atividade urbana, a rodovia surge como elemento consolidador para a sua posição polarizadora.

O consumo de massa é forjado na ideologia da satisfação de supostas necessidades. Como se houvesse uma obrigação natural de obter determinados produtos. Houve uma mudança histórica nos hábitos de consumo da sociedade. Resultante da transformação ideológica e das relações sociais que passam a se basear no imediatismo, posse e ostentação de objetos. Segundo Santos (2000) “A grande perversão do nosso tempo, muito além daquelas que são comumente apontadas como vícios, está no papel que o consumo veio representar na vida coletiva e na formação do caráter dos indivíduos”.

A necessidade de consumo prolifera-se sobremaneira que passa a configurar como elemento fundamental no cotidiano dos indivíduos. A consequência mais visível e perversa dessa realidade apresenta-se definida como poder de consumo. Para Queiroz (2013)

[...] a trajetória do processo de formação de uma sociedade de consumo não advém da industrialização, mas do sistema social. No entanto, a essa prática agregou valores e acomodações sociais resultantes de marcadores culturais atribuídos à pós-modernidade, especialmente, a globalização e os novos postulados do mercado informal que, cada vez mais, insere suas normas e premissas técnicas na tentativa de formalizar o que nasce informal.

Com grande força material e visual contagia a sociedade de forma individual e coletiva, na busca pela aquisição imediata ou o desejo num futuro próximo. Quando esse objeto se apresenta com um valor elevado aparece a figura do ambulante e camelô como alternativa para a satisfação do desejo de consumo de forma mais acessível. Mesmo que o objeto seja uma versão inferior do que se procura. Ainda segundo Santos (2007) “O poder do consumo é tão contagiante, e sua capacidade de alienação é tão forte que a sua exclusão atribui às pessoas a condição de alienados. Daí a sua força e o seu papel perversamente motor na sociedade atual”.

Conjuntamente com estes fatos, o crescimento populacional, a expansão das atividades econômicas e a isenção de um relevante segmento social através da elevação da renda familiar contribuíram para a proliferação da atividade comercial seja formal ou informal. A elevação no consumo de bens e serviços inerentes as novas formas de produção, distribuição e consumo expõe a diversidade de estabelecimentos presentes no centro comercial de Feira de Santana. Segundo Dantas (2005)

O poder realizar-se enquanto consumidor, comumente pode levar a uma situação de aparente satisfação, e é justamente a partir desse dado que pode ser apreendido o fator de estabilização social. O realizar-se enquanto consumidor fez com que o ideal de realização do ser humano deixasse de se ligar ao trabalho e se voltasse para o ato de consumir.

O crescimento no número de ambulantes e camelôs nas ruas do centro comercial resulta, entre outros elementos, da expansão do desejo de consumo da população que busca produtos diversos, em especial os tecnológicos ou com sinais de sofisticação (roupas supostamente de marcas famosas, perfumes, bebidas, etc.). Esse cenário colabora para mudanças na organização do espaço urbano, em especial o intraurbano, além de contribuir para que Feira de Santana se mantenha como cidade que polariza um mercado regional.

Como em muitas cidades, as formas comerciais moldam-se aos desejos e necessidades de consumo da população. Suas funções e formas são revitalizadas e reconfiguradas para adequar-se ao consumidor daquele dado momento. Nesta perspectiva, o comércio assume posição peculiar perante o momento histórico vivido por determinadas parcelas da população. Além disso, demonstra seu papel junto ao espaço pois contribui para sua contínua reprodução social e material.

Em Feira de Santana, a partir de meados da década de 1980 novos espaços comerciais foram surgindo fora da sua área central, os bairros do Tomba, Sobradinho, Cidade Nova são alguns exemplos. Mesmo assim, o centro da cidade não perdeu sua função principal que são as atividades relacionadas ao comércio e prestação de serviços. A população local e da sua microrregião busca pela satisfação de suas necessidades nesse centro.

Essa caracterização repercute no fortalecimento e ampliação do comércio de rua, cada vez mais diversificado e com uma expansão nos itens para o consumo. Mercadorias que estão à venda nas lojas formais muitas vezes são encontradas no comércio informal com qualidade bem próxima e preço mais acessível acirrando a disputa e os conflitos entre o comércio de rua e os lojistas formais. A consolidação do setor comercial mediante a contribuição do setor informal apresenta a relevância do comércio de rua. A manutenção e o fortalecimento das funções urbanas de muitas cidades refletem sua organização social materializada no espaço produtivo. Segundo Beaujeu-Garnier (1980)

Se algumas cidades não são, segundo a expressão de Henri Pirenne, <<filhas do comércio>> (porque as há também administrativas e industriais, entre outros tipos), nenhuma, em todo caso, se pode vangloriar de escapar à sua presença e a sua influência; nenhuma pode passar sem o intercâmbio, por vezes criador e motor de crescimento urbano.

A complexidade organizacional da cidade varia de acordo ao seu direcionamento político, seu nível técnico e a economia. Em relação ao comércio a presença de concorrência é um fato concreto. Entre os ambulantes e camelôs não é diferente, por esse motivo, a localização é um dos elementos preponderantes para conseguir realizar vendas e se manter no mercado.

Os agentes envolvidos na atividade comercial buscam pela localização mais centralizada com o objetivo de tirar o máximo possível de proveito da circulação de pessoas que caracterizam a clientela em potencial. Analisando a presença de ambulantes e camelôs no centro comercial percebe-se a complexidade na sua organização.

A circulação de pessoas no centro da cidade para realizar compras é fato. A atividade comercial atrai consumidores em potencial já que o centro é considerado o espaço principal para a materialização dessa atividade. Segundo consumidores entrevistados, a variedade de produtos ofertados, presença tanto de lojas formais quanto ambulantes e camelôs facilitam a escolha dos produtos, preços inferiores aos seus locais de origem, facilidade na locomoção até Feira de Santana, concentração do comércio numa mesma área são fatores considerados positivos quando se pensa em comprar.

As críticas se dirigiam ao fato de haver pouco policiamento visível, dificuldade na locomoção pelos espaços buscados para o consumo; falta de limpeza, melhor organização do espaço, “algumas barracas dão aparência de favela, o espaço dos camelôs poderia ser mais estruturado, barracas padronizadas, todo mundo alinhado, com algum tipo de identificação” (Consumidor XX). Esse depoimento revela a reação por parte de quem consome os produtos desse espaço, ao mesmo tempo que são atraídos pelas vantagens do comércio sentem repulsa pela desorganização e falta de estrutura.

O capital produtivo associado a equipamentos públicos e privados, além de uma forte especialização do uso do solo em atividades voltadas para o comércio e serviços ratificam a força do capital em criar, preservar e resguardar o solo urbano enquanto mercadoria. Segundo Martins (2009)

Atualmente a agenda urbana tem colocado como prioridade a inserção das cidades no mercado global. As cidades vêm sendo pensadas e projetadas sob a perspectiva de atender as demandas desse mercado. A cidade entendida como uma máquina de produzir riquezas leva os gestores a uma disputa por investimentos e adequação destas aos apelos do mercado.

O setor informal aparece como alternativa para o trabalhador que perdeu sua ocupação e se depara com as limitações impostas pelo capital. Seu grande desafio passa a ser o desenvolvimento de meios para a sua sobrevivência concomitante sua inserção num mundo direta ou indiretamente globalizado e capitalizado. Na busca por ocupação e aquisição dos recursos para a manutenção da sua vida, os trabalhadores encontram no setor informal – principalmente nas atividades do setor comercial – sua inserção no mercado de trabalho. A informalidade contribui na reprodução do capital.

No comércio de rua em Feira de Santana podem ser encontrados os mais variados produtos a disposição do consumidor. Contribui para a reprodução social e a sobrevivência material de todos os

envolvidos nessa atividade além de promover sua inclusão no mundo do capital. Na década de 1990 amplia-se a população pobre urbana e desempregada por todo o país. É possível identificar a expansão do setor informal, particularmente o comércio de rua, pois na maioria dos casos são de pequena dimensão e podem ser praticados com recursos financeiros e tecnológicos mínimos. Segundo Pochmann (2009):

O Brasil vive atualmente a mais grave crise do emprego de sua história. Nem a transição do trabalho escravo para o assalariamento, ao final do século XIX, nem a depressão econômica de 1929, nem mesmo as graves recessões nas atividades produtivas nos períodos 1981-1983 e 1990-1992 foram capazes de proporcionar tão expressiva quantidade de desempregados e generalizada transformação na absorção de mão-de-obra nacional quanto a que pode ser identificada nos dias atuais.

Na produção do espaço rebatem as articulações entre a cidade e o comércio. Os novos modos de comercialização repercutem de forma heterogênea de tal modo que setores antes discriminados – como o comércio de rua – passam a atrair consumidores de classes mais elevadas. As transformações nos conteúdos presentes, principalmente no setor informal, e no andamento da economia nacional foram os principais impulsionadores para que essa atividade ganhasse força dentro da dinâmica urbana. Segundo Matela e Hirt (2009) “A diversidade de conteúdos técnicos e sócio-econômicos é o que garante a realização de atividades com diferentes níveis técnicos, de capital e de organização nas grandes cidades. Isto permite acolher diversas formas de capital e trabalho”.

As cidades brasileiras contêm divisões do trabalho distintas ocorrendo de modo simultâneo e estabelecendo relações diferenciadas no meio em que se encontra. As cidades de médio e grande porte são as que mais apresentam a fixação de atividades relacionadas a divisão social do trabalho resultante das transformações dos meios financeiros e tecnológicos. Paralelo a este cenário tem-se as atividades promovidas com capitais mínimos, geralmente de origem local.

Destacando-se em razão dos variados níveis de tecnologia, organização e capital das atividades urbanas essa realidade faz parte do circuito da economia urbana (Santos, 2008). Devemos observar a ligação entre os circuitos superior e inferior da economia. No caso do setor comercial, tanto aqueles que se encontram na organização formal como os que estão na informalidade possuem particularidades que promovem, em dado momento, uma aproximação e organização de um todo. Ao mesmo tempo, apresentam oposição em características como divergência no recolhimento de impostos, apresentam complementaridades, se for observado, do seu modo, o setor informal também dá oportunidade de ocupação e renda.

O setor informal contribui na consolidação do comércio na medida que indica as relações de complementaridade e concorrência. A hierarquia existente não desaparece, ao contrário, na maioria dos casos, o setor informal necessita da presença do setor formal para sua existência e manutenção, tanto que procura se instalar nas vias onde o setor comercial ocorre com maior dinâmica. Além disso, o setor

comercial empresta seus fornecedores, transportadoras e potenciais consumidores para o funcionamento do setor informal.

Para Silveira (2007) o circuito inferior de economia passa por um intenso período de expansão devido a oportunidade de ocupação e renda encontrada por aqueles indivíduos que são cada vez menos necessários nas atividades do circuito superior. Então deparamo-nos com uma grande contradição, ao tempo que o país apresenta um dinâmico circuito superior com conexões globais e moderno espaço produtivo, o circuito inferior destaca-se pela adaptação e expansão em diferentes setores com destaque para o comercial.

Influenciado pela dinâmica do mercado de trabalho, o circuito inferior apresenta elevada expansão. Atividades consideradas não-modernas contribuem para este circuito passar por uma renovação e diversificação. Por esse motivo, o setor informal apresenta uma variação de ocupações, entre eles, os ambulantes e camelôs que comercializam uma variedade de produtos.

Feira de Santana apresenta uma realidade que em parte ratifica a discussão dos autores aqui apresentados, mas, em outros pontos, desconsidera a proposta. Segundo Santos; Silveira (2007) os agentes envolvidos no circuito inferior promovem um circuito central ao se instalar nos espaços de maior circulação de pessoas, sejam eles desvalorizados ou degradados, uma vez que nesses locais vão conseguir obter a renda referente a seu labor. No caso da cidade em estudo, esses espaços ocupados são disputados e valorizados gerando diversos conflitos por sua ocupação irregular por parte dos informais que não contribuem tributariamente auferindo lucros totalmente livres dos custos que são dispensados aos formais.

Para Santos (1995) a materialidade da cidade é constituída pela proximidade de lugares equipados de forma heterogênea. Há de se considerar a presença de espaços destinados as atividades mais modernas e os que não sofreram modernização, com características mais antigas e geração de menor renda, menos técnica e investimento. Dentro da organização de ambulantes e camelôs haverá uma lógica seguindo um modelo de zoneamento, as ruas ocupadas por eles apresentarão disposição para determinadas atividades, as mais modernas como venda de eletroeletrônicos que apresentam maior rendimento e as mais tradicionais como alimentos.

Como consequência das mudanças econômicas que impactaram diretamente nas relações de trabalho novas atividades vão surgir para suprir as necessidades de uma população desempregada e ocupando um espaço urbano que não lhe dá outra alternativa de inclusão. Desse modo, o setor informal aparece como resposta ao processo desordenado de urbanização.

Considerando o processo de reestruturação produtiva novas relações de trabalho vão surgir. Determinando normas mais flexíveis na utilização da força de trabalho vão também compor o setor

informal que cada vez mais é visível dentro da economia pela sua contribuição, em especial pela absorção de mão-de-obra.

A flexibilidade do mercado de trabalho contribui para que o setor informal impacte na economia. As consequências mais visíveis do processo de reestruturação produtiva são os baixos níveis de trabalho e renda e o enfraquecimento do mercado formal de trabalho. A década de 1990 é marcante para o entendimento dessas transformações, trabalhadores que até esse período atuavam com direitos trabalhistas se veem na necessidade de exercer atividades sem regulamentação, redução ou mesmo ausência de direitos. Segundo Dassoler (2009)

[...] no período que segue os anos 1990 – marcados profundamente pela implementação de um novo modelo político-econômico no Brasil, o neoliberalismo, que gerou ao longo da década uma forte onda de desempregos em massa, - o comércio de rua passou a receber maiores atenções por parte do poder público, dada sua rápida e substancial ampliação e diversificação.

Nos períodos que sucedem a década de 1990 tanto o setor formal quanto o informal revelam a precariedade e regressão nos direitos trabalhistas. Contribuindo para o fortalecimento da informalidade a falta de um limite entre o formal e o informal é consequência da movimentação capitalista que se beneficia dessa situação ao não deixar claro o limite entre trabalho produtivo e improdutivo, emprego e desemprego, produção e lucro real (Tavares, 2004).

No entendimento de Montessoro (2006) a circulação de pessoas contribui para a consolidação tanto do setor formal como do informal pois ao transitar pelo centro comercial e ter a possibilidade de consumir produtos e serviços de ambos os segmentos promovem complementaridade e disputa pelo espaço ocupado. No espaço urbano o setor comercial apresenta grande importância econômica, cria empregos, gera renda e tributos. Também tem sua contribuição na organização espacial quando ocupa novas localizações ou se reorganiza em seus espaços considerados tradicionais revela os interesses e direcionamentos da população consumidora.

O setor informal apresenta uma dinâmica que se ajusta as estruturas necessárias a sua reprodução e expansão. As transformações no modo de produção e nas relações de trabalho terão um impacto direto na operacionalização dessa atividade. Além disso, articula-se e associa as funções do centro como espaço principal na popularização do consumo e consolidando o setor comercial como mais relevante na economia da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades presentes no território brasileiro demonstram as mudanças no processo produtivo e a reestruturação dos setores econômicos, repercutindo diretamente nesse espaço. O meio técnico-científico-informacional proposto por Milton Santos (2008) reorganiza todos os setores produtivos, criando meios para o capital produzir e reproduzir lucro nos diversos segmentos, promovendo locais com concentração de mão-de-obra que se ocupa em atividades informais, a exemplo dos camelôs e ambulantes.

Por sua capacidade de se renovar, o circuito inferior tem promovido a incorporação, constante e crescente, de camadas da população que ficam desempregadas, em muitos casos, como consequência da reestruturação produtiva promovida no circuito superior.

A dinâmica geográfica da forma atual como se desenvolve o capitalismo na escala mundial, com seus processos assimétricos, multifacetados e multilocalizados gera diferentes formas de interdependência de lugares e regiões num sistema mundial de relações seletivas e hierárquicas. Novas configurações espaciais emergem sobre as quais as instâncias nacionais, regionais e locais como formações socioespaciais estão cada vez mais articuladas em redes, fazendo com que haja uma ressignificação dos conteúdos espaciais, antes existentes diante da inserção de outros novos.

Feira de Santana, por sua posição geográfica e por apresentar um sistema rodoviário que colabora para a circulação de pessoas e mercadorias, compreende uma intensa atividade comercial associada a sua história e formação territorial. As mudanças nas relações de trabalho, em níveis globais e com repercussões locais, também colaboram para que um contingente a margem do trabalho formal busque no comércio de rua uma alternativa para a sua sobrevivência. A figura do comerciante que é definido como ambulante ou camelô se refere aquele trabalhador que realiza suas atividades no espaço que para muitos seria apenas para circulação.

Os camelôs são comerciantes de rua e fazem parte da economia informal, atuam principalmente nas médias e grandes cidades. Para as autoridades, em especial o poder municipal, a presença desse segmento nas ruas é tratada como problema, pois fazem mau uso do espaço público através da ocupação de calçadas e impedimento da circulação de pedestres e não pagam impostos. De fato, as dificuldades de inserção no mercado formal induzem ao fortalecimento dessa atividade que marca a vida econômica de Feira de Santana.

O comércio informal em Feira de Santana, particularmente o que ocorre nas ruas da cidade, passou por significativas transformações no intervalo que marca a origem do município e da cidade com a feira livre e a feira de gado bovino até a atual organização, na qual os produtos industrializados

predominam. Esta situação é um indicativo de que houveram inclusões, nesta atividade, decorrentes da acumulação de capital. O grande destaque volta-se a comercialização de mercadorias, produzidas em grande escala, por empresas de médio e grande porte, muitas delas estrangeiras, que podem ser encontradas nas mãos e barracas de ambulantes e camelôs.

Considerando o impacto da reestruturação produtiva no mundo do trabalho, este comércio informal apresenta papel singular na manutenção da sobrevivência do trabalhador. Ao absorver a mão-de-obra desempregada, oriunda de outros segmentos apresenta dupla função, com a diminuição no número de pessoas desocupadas e sem rendimentos, e ainda permitir a estes o poder de consumo que lhe seria negado caso não tivesse nenhuma forma de negociar sua força de trabalho.

Em Feira de Santana, tanto no Centro quanto em muitos bairros que apresentam subcentros ativos os produtos são provenientes de escalas local, regional, nacional e mesmo internacional, com circulação de mercadorias vendidas e compradas por comerciantes e consumidores de volume significativo, sendo difícil sua mensuração em decorrência da dificuldade de informação.

A centralidade foi considerada como pilar para a organização dessa atividade na área central de Feira de Santana. A cidade mantém-se monocêntrica, apesar das modificações advindas do seu processo de expansão urbana tão concreto e visível, nas últimas décadas. Não só as classes de menor poder aquisitivo procuram o Centro para consumir, mas, principalmente, consumidores das mais variadas cidades e de outros estados. Sua hegemonia em relação aos bairros continua fortalecida. Por mais que tenha ocorrido a transferência de comércio e serviços para outros espaços da cidade, a área central reúne o melhor percurso de transporte coletivo, além das facilidades de acesso a diferentes usos, num espaço de tempo considerado curto.

É notável, nas cidades, o número de trabalhadores que atuam no comércio de rua, ocupando as calçadas das vias de maior circulação de pedestres. Em Feira de Santana, percebe-se esse fenômeno como resultado de um processo social histórico, pois, ao longo do processo de produção espacial da cidade, a presença do mercado informal foi marcante e determinante. As mudanças na economia urbana são consequência da ampliação do espaço conquistado por ambulantes e camelôs. Por sua vez, os elementos socioeconômicos contribuem para as mudanças na dinâmica do comércio de rua. A apropriação do espaço público em trechos privilegiados da área central e com intensa circulação de pedestres é ação primordial para o estabelecimento dessa atividade.

Os ambulantes e camelôs fazem parte de uma cadeia produtiva, afinal, existe uma organização bem articulada para que a mercadoria esteja exposta. São fabricantes, importadores, atacadistas, atravessadores e outros segmentos envolvidos para que esta atividade se realize. Eles fazem parte de uma rede comercial que apresenta fixos e fluxos com escalas geográficas que vão do local ao internacional.

As mercadorias *made in China* vendidas nas ruas pesquisadas demonstram que existem uma conexão bem intensa entre produção, comercialização e consumo final. Nas ruas, é possível encontrar a mesma mercadoria que se depara exposta nas vitrines das lojas formais. O indivíduo que circula a pé, pelos mais variados motivos, direciona sua atenção para barracas e outros equipamentos, e termina, em muitos casos, por consumir o produto exposto nas ruas.

Esse tipo de comércio tem ganhado destaque por começar a despontar como relevante segmento comercial, servindo como escoadouro da produção industrial, como mediador do mercado. Ao mesmo tempo, tem atraído a atenção por sua posição sonegadora. O volume de impostos não arrecadado pelos governos tem se destacado devido a magnitude, cada vez mais ampliada que é negociada nas ruas.

A transformação do espaço urbano revela a sua dinâmica através de formas e funções que promovem a reprodução do lugar por meio de agentes diversos, é o caso do poder público, empresários formais, ambulantes e camelôs. Considerando a funcionalidade, o Centro aparenta uma homogeneidade, pois a atividade comercial predomina. Porém, apresenta uma forte heterogeneidade quando analisada sua organização, em especial, os ambulantes e camelôs, pois constroem, de forma individual, seus espaços de sobrevivência.

O comércio compõe relevante estímulo para a expansão urbana e fortalecimento da centralidade. Evidencia-se de modo fundamental, para o entendimento da evolução urbana do município e da cidade de Feira de Santana, perante os demais municípios do estado da Bahia fortalecendo sua posição polarizadora na região metropolitana. A cidade atua como centro polarizador e suas relações comerciais colaboram para a manutenção e fortalecimento da centralidade urbana.

Essa atividade pode ser explicada pela teoria dos dois circuitos da economia urbana, elaborado por Milton Santos (2008), na década de 1970. Mudanças como tecnologia, circulação e comunicação foram absorvidas até certo ponto por este segmento, mas outras características como uso de máquina de débito/crédito, utilização de capital bancário, capital de giro ampliado, utilização de tecnologias para aquisição ou venda de mercadorias, estoques reduzidos continuam a fazer parte da rotina desses comerciantes, também se articulam com mercados regionais, nacionais ou mesmo internacionais para a aquisição de mercadorias.

O espaço público representado pelas ruas e avenidas do centro comercial da cidade de Feira de Santana confirma-se enquanto espaço para o comércio de rua realizado por ambulantes e camelôs. A tradição histórica da feira livre, o desemprego promovido pelas sucessivas reestruturações produtivas, a articulação local, regional e nacional para a realização da atividade comercial contribui para a consolidação do comércio formal e também do informal. Os logradouros estudados apresentam graves

problemas de infraestrutura e ordenamento territorial que, se corrigidos pelo poder público, não inviabilizam sua realização, principalmente por ser referência em escala regional.

O comércio informal em Feira de Santana apresenta uma grande heterogeneidade, complexidade e relevância para a sociedade e a economia, uma vez que muitos cidadãos retiram seu sustento dessa atividade. Além disso, muitas indústrias consideradas regulamentadas conseguem ver seu capital se elevar destinando parte de suas mercadorias para este segmento comercial, reforçando a condição de complementaridade existente entre os circuitos da economia urbana dos países. Desse modo, a complexidade das permanências e mudanças nessa atividade permite diversos estudos posteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar KB, Ortigoza SAG (2009). O comércio informal no centro da metrópole paulista. *12º Encontro de Geógrafos da América Latina*. Montevideu. Disponível em: <<http://www.egal2009.com>>. Acesso em: 25/06/2012.
- Almeida EP (2000). A metropolização-periferização brasileira no período técnico-científico-informacional. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 189p.
- Araújo AO (2006). Redes e Centralidades em Feira de Santana (BA): O centro de abastecimento e o comércio do feijão. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 157p.
- Araújo AO, Silva B-CN (2003). Bases para a comercial de Feira de Santana (BA) a partir do Centro de Abastecimento. *Anais da XX Semana de Mobilização Científica*. Salvador: UCSAL.
- Azevedo T (1976). *Feira de Sant'ana, passado e presente*. Centro de Estudos Baianos. Salvador: Publicação da Universidade Federal da Bahia. 105p.
- Beaujeu-Garnier J (1980). *Geografia Urbana*. Paris: Librairie Armand Colin. Tradução: Raquel Soeiro de Brito, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 345p.
- Benko G (1996). *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. 3 ed. Editora: Hucitec/Annablume, São Paulo: 196p.
- Bomfim MVP (2006). A Rede Urbana do Recôncavo Baiano e seu Funcionamento Técnico. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 122p.
- Brandão MBA (2008). Comércio de Rua: Ocupação Consolidada no Espaço Público, Possibilidades de Abordagens no Projeto Urbano. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 147p.
- Cacciamali MC (2000). Globalização e Processo de Informalidade. *Economia e Sociedade*, 14: 153-174
- Campos F (2010). Feiraguai. *Jornal Correio*. Salvador, 5p.
- Censo Agropecuário (2016). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 05/12/2016.
- Censo Demográfico (2010). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 25/11/2014.
- Christaller W (1966). *Central Places in Southern Germany*, Publishing company: Prentice-Hall, New Jersey, 478p. Part B

- CIFS (2008). Município De Feira De Santana. Levantamento Socioeconômico. Centro das Indústrias de Feira de Santana. Disponível em: http://www.cifs.com.br/artigos/levantamento_socio_economico.pdf. Acesso em: 11/12/2015.
- Corrêa RL (1996). *Trajéorias Geográficas*. Editora: Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 302p.
- Corrêa RL (2000). Comércio e Espaço: Uma Retrospectiva e Algumas Questões. Instituto de Geociências. Departamento de Geografia. *Textos LAGET*. Série Pesquisa e Ensino. 2: 34p.
- Corrêa RL (1989). *A Rede Urbana*. Editora: Ática, São Paulo, 336p.
- Corrêa RL (1993). *O Espaço Urbano*. Editora: Ática, São Paulo, 304p.
- Cruz RC (1999). A inserção de Feira de Santana (BA) nos processos de integração produtiva e de desconcentração econômica nacional. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 333p.
- Dantas EWC (2005). Apropriação do Espaço Público pelo Comércio Ambulante: Fortaleza-Ceará-Brasil em Evidência (1975 a 1995). *Scripta Nova*. Universidad de Barcelona, IX (202), 28p. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-202.htm>>. Acesso em: 17/07/2015,
- Dantas EWC (2014). *A Cidade e o Comércio Ambulante: Estado e Disciplinamento da Ocupação do Espaço Público em Fortaleza (1975-1995)*. Editora: Imprensa Universitária, Fortaleza, 193p.
- Dassoler ER (2009). As recentes transformações das atividades populares na área central de Florianópolis: o caso dos camelôs e ambulantes. *12º Encontro de Geógrafos da América Latina*. Montevideu. 18p. Disponível em: <<http://www.egal2009.com>>. Acesso em: 25/06/2012
- Elias D (2005). Reestruturação Produtiva da Agropecuária e Novas Dinâmicas Territoriais: a cidade do campo. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 28p. Disponível em CD.
- Ferreira MGT, Freitas MFV (2014) O Sentido das Propostas de Regiões Metropolitanas na Bahia. In: Dias PC, LOPES DMF (Org.) *Cidades Médias e Pequenas: Desafios e Possibilidades de Planejamento e Gestão*. Salvador: SEI. (Série Estudos e Pesquisas, 95).
- Freitas NB (1998). Urbanização em Feira de Santana: Influência da Industrialização. 1970-1996. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 182p.
- Freitas NB (2013). O Descoroamento da Princesa do Sertão: de “chão” à território, o “vazio” no processo da valorização do espaço. Universidade Federal de Sergipe. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. São Cristóvão, 406p.

- Garcez KMG (2009). Cidade monocêntrica ou cidade policêntrica? Discussões sobre o centro urbano de uma cidade com quase quatro séculos. *12º Encontro de Geógrafos da América Latina*. Montevideu. Disponível em <http://www.egal2009.com> Acesso: 25/06/2012.
- Geiger PP (1963). *Evolução da Rede Urbana Brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.
- IBGE (1958) Enciclopédia Dos Municípios Brasileiros. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. XX Volume.
- IBGE (2008). Regiões de influência das cidades. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro.
- IBGE (2014). *Cidades*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 25/11/2014.
- Lefebvre H (1991). *O Direito a Cidade*. Editora: Moraes, São Paulo, 72p.
- Maricato E (2010). *Brasil, Cidades: alternativas para a crise urbana*. 4 ed, Editora: Vozes, Petrópolis, 89p.
- Martins RL (2009). Políticas Urbanas, Modernização da “Pobreza” e Constituição dos Lugares na Cidade. *12º Encontro de Geógrafos da América Latina*. Montevideu. Disponível em: <http://www.egal2009.com>. Acesso em: 23/07/2015.
- Matela IP, Hirt CA (2009). Construção do “Camelódromo” de Porto Alegre e suas Implicações na Reorganização Espacial do Centro da Cidade. *12º Encontro de Geógrafos da América Latina*. Montevideu. Disponível em: <http://www.egal2009.com>. Acesso em: 23/07/2015.
- Mattos CA (2010). *Globalización y metamorfosis urbana em América Latina*. Editora: Olacchi/MDMQ, Quito, 53p.
- Melazzo ES (2012). Marília: Especialização Industrial e Diversificação do Consumo. Trajetórias de uma Cidade Média. In: Sposito MEB, Elias D, Soares BR. *Agentes Econômicos e Reestruturação Urbana e Regional: Chillán e Marília*. São Paulo: Outras Expressões, 243p.
- Monteiro JL (2009). Interesses Hegemônicos na Margem da Periferia: Ação Política de Dirigentes Industriais em Feira de Santana (1963-1983). Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 201p.
- Montenegro MR (2006). O Circuito Inferior da Economia Urbana na Cidade de São Paulo no Período da Globalização. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 205p.
- Montessoro CCL (2006). Centralidade Urbana e Comércio Informal: Os Novos Espaços de Consumo no Centro de Anápolis – GO. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. 355p.

- Moura R (2014). Questões sobre a Formação de Regiões Metropolitanas. In: Dias PC, Lopes DMF (Org.) *Cidades Médias e Pequenas: desafios e possibilidades do planejamento e gestão*. Salvador: SEI (Série Estudos e Pesquisas, 95).
- Nascimento CJS (2006). Inserção de Feira de Santana na região econômica do Paraguaçu. In: *Desenvolvimento regional: análises do nordeste e da Bahia*. Série Estudos e Pesquisas, 73, 186p.
- OCDE (2015). Relatórios Econômicos Da Oede. Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Brasil. Disponível em: <http://www.oecd.org/economy/surveys/Brasil-2015-resumo.pdf>. Acesso em: 29/09/2016.
- Oliveira Bianca S (2005). A Rede Urbana em Tese: Contribuições Teóricas Rumo ao Novo Milênio. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo. Disponível em CD.
- Oliveira JSA (2012). *Território e Estado: Uma leitura da reorganização territorial através das políticas públicas de habitação para o município de Feira de Santana*, Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 152p.
- Pamplona JB (2010). *O comércio de rua na cidade de São Paulo: evolução recente, perfil e política de regulação*. Rio de Janeiro: BNDES/ANPEC. (Texto para discussão).
- Pintaudi SM (2007). A Cidade e as Formas do Comércio. In: Carlos AFA (Org.) *Novos Caminhos da Geografia*. 5 ed.; Editora: Contexto, São Paulo, (Caminhos da Geografia).
- Pochmann M (2009). Desemprego no Brasil. In: Antunes R (Org.) *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. Editora: Boitempo, São Paulo.
- Pochmann M (2010). *Desenvolvimento, trabalho e renda no Brasil: avanços recentes no emprego e na distribuição dos rendimentos*. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo.
- Poppino RE (1968). *Feira de Santana*. Editora: Itapuã, Salvador.
- Prefeitura Municipal de Feira de Santana (1974). Projeto Cabana. Feira de Santana, 1974.
- Queiroz AMVL (2013). Da Rua para o Shopping Feiraguay: Desenho Urbano e Memória Visual do Comércio Popular em Feira de Santana, BA (1970-2012). Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade) - Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 213p.
- Rolnik R (1988). *O que é cidade?* Editora: Brasiliense, São Paulo – Coleção Primeiros Passos.
- Santos CR (2006). Interações Espaciais e as Redes entre o Comércio de Hortaliças do Centro de Abastecimento e os Supermercados da Cidade de Feira de Santana – BA. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 209p.

- Santos JLJ (2014). Regiões Metropolitanas sem Metrópoles? Uma Análise das Novas Propostas na Bahia. In: Dias PC, Lopes DMF (Org.) *Cidades Médias e Pequenas: Desafios e Possibilidades de Planejamento e Gestão*. Salvador: SEI, (Série Estudos e Pesquisas, 95).
- Santos M (1959). A Rede Urbana do Recôncavo. In: Brandão MA (Org.) (1998). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 347p.
- Santos M (1985). *Espaço e Método*. Editora: Nobel, São Paulo: 97p.
- Santos M (2008). *O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia*. Editora: EDUSP, São Paulo (1 reimpressão), 481p.
- Santos M, Silveira ML (2001). *O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI*. Editora: Record, Rio de Janeiro, 458p.
- SEI (2010). Estatística Dos Municípios Baianos Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Salvador: SEI, 12: 332p.
- Silva CM (2014). A Princesinha do Sertão agora é MetrÓpole?! Uma Análise do Processo de ‘Metropolização’ de Feira de Santana-BA. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociência. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 226p.
- Silva SCBM (1978). Regionalização e crescimento urbano: o caso da Bahia. In: Organização regional no Brasil. *Cadernos da UnB*. Brasília: Universidade de Brasília, 43-59.
- Silva SCBM (2006). *Estudos sobre Globalização, Território e Bahia*. 2 ed. Editora: UFBA, Salvador, 135p.
- Silva SCBM, Silva B-CN (1989). Dinâmica recente do processo de urbanização/metropolização (1931-1985). In: Silva SCBM, Leão SO, Silva B-CN. *Urbanização e Metropolização no Estado da Bahia: evolução e dinâmica*. Editora: UFBA, Salvador, 186-257.
- Silva SCBM, Silva B-CN, Leão SO (1985). *O Subsistema Urbano-Regional de Feira de Santana*. Editora: SUDENE, Recife, 329p.
- Silveira ML (2007). Confines de la racionalidad: el espacio geográfico contemporáneo. Texto apresentado no XI Encontro de Geógrafos da América Latina, Bogotá D.C, 18p.
- Sposito MEB (2008). A Urbanização da Sociedade e Novas Espacialidades Urbanas. In: Oliveira MP, Coelho MCN, Corrêa AM (Org.). *O Brasil, a América Latina e o Mundo: espacialidades contemporâneas (II)*. Editora: Lamparina, Rio de Janeiro, II: 61-74.
- Tavares MA (2004). *Os fios (in)visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho*. Editora: Cortez, São Paulo, 138p.
- Teles AO (2017). O Comércio Informal em Feira de Santana (BA) – Permanências e Mudanças. Universidade Federal de Sergipe. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. São Cristóvão, 271p.

Villaça F (2001). *Espaço Intra-Urbano no Brasil*. Editora: Studio Nobel/FAPEESP/ Lincoln Institute, São Paulo, 78p.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bahia · 4, 7, 11, 13, 14, 16, 18, 40, 45, 54, 64, 78, 80, 81, 83, 84

C

centralidade · 5, 7, 10, 12, 36, 37, 47, 48, 54, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 64, 67, 77, 78

centro

comercial · 10, 37, 50, 51, 53, 55, 57, 60, 62, 64, 65, 69, 70, 71, 72, 75, 78

industrial · 11, 14, 20

comércio · 4, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 23, 27, 30, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 83

de rua · 10, 12, 53, 55, 56, 58, 63, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 83

consumo · 7, 11, 12, 37, 43, 44, 47, 48, 53, 55, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 70, 71, 72, 75, 77, 78

crescimento · 10, 20, 21, 22, 30, 31, 35, 37, 39, 40, 41, 43, 44, 49, 54, 55, 57, 58, 62, 66, 71, 84

F

Feira de Santana · 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

G

gado bovino · 7, 13, 16, 27, 76

H

história · 7, 14, 46, 50, 55, 73, 76

I

indústria · 10, 21, 31, 35, 41, 43, 44, 48, 54

informal · 4, 9, 10, 11, 12, 37, 38, 41, 51, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80

P

projeto · 4, 9, 10, 11, 35, 43, 51

R

região · 4, 7, 27, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 44, 45, 46, 48, 54, 57, 58, 64, 66, 70, 78, 83

metropolitana · 6, 26

relações de troca · 4, 9, 53

rua · 5, 10, 11, 55, 60, 63, 69, 71, 73, 76, 77

S

Salvador · 7, 14, 16, 18, 20, 21, 24, 30, 31, 34, 37, 48, 54, 80, 81, 83, 84

T

territorial · 7, 25, 27, 30, 31, 46, 52, 53, 54, 55, 76, 79, 83

trabalho · 4, 10, 11, 13, 21, 22, 27, 35, 39, 41, 43, 46, 50, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 65, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 83, 84

U

urbano · 7, 10, 13, 19, 20, 21, 25, 26, 30, 31,
32, 33, 35, 39, 40, 41, 45, 47, 50, 51, 52, 53,
56, 57, 58, 59, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71,
72, 74, 75, 78, 82, 84

V

venda · 10, 37, 52, 56, 64, 71, 74, 78

ID Alessandra Oliveira Teles

É Doutora em Geografia, na área de Análise Regional, pela Universidade Federal de Sergipe, UFS, Campus São Cristóvão. Atualmente, é docente da Licenciatura e Bacharelado em Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Graduiu-se em Licenciatura em Geografia pela UEFS. Atua na área de Dinâmica e Organização do Espaço. É membro da Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária (IEPS/UEFS) atuando em projetos de pesquisa e extensão. Publicou artigos em revistas on-line e os seguintes capítulos de livros: *The District of Tiquaruçu As Reference in the Use of Social Technology for the Production of Bonsai.* (2020) em coautoria MOURA, Lucivânia da Silva e José Raimundo Oliveira Lima, *A atividade comercial em Feira de Santana (BA) e as repercussões do comércio de rua.* (2020), *Camelôs e prefeitura municipal: territorialidades e conflitos no centro comercial de Feira de Santana (BA)* (2020), *Dinâmica territorial e reestruturação produtiva no Recôncavo Baiano* (2020), em parceria com Wodis Kleber O Araújo, *Territórios e territorialidades no semiárido baiano* (2019), *Ambulantes e Camelôs de Feira de Santana (BA): Origem e Consolidação* (2019), *A atividade comercial em Feira de Santana (BA): usos dos espaços públicos* (2019), *Saberes e sabores: a experiência de uma feira de economia popular e solidária na Universidade Estadual de Feira de Santana* (2019) em parceria com Wesley Freire dos Santos. Contato: aoteles@uefs.br

ISBN 978-658831915-4



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

